



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

Guilherme Giovanolli Ferraz

Metamorfoseando Raul: música e militância na Luta antimanicomial

Orientadora: Professora Doutora Maria Inês Badaró Moreira

Santos

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

Guilherme Giovanolli Ferraz

Metamorfoseando Raul: música e militância na Luta antimanicomial

Pesquisa apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista - como parte dos requisitos para a formação em Psicologia. Orientação Profa. Dra. Maria Inês Badaró Moreira.

## **RESUMO**

Este é um trabalho de conclusão de Curso de Psicologia em que foi realizada uma pesquisa qualitativa que objetiva conhecer a vida e obra do músico brasileiro, e expoente da contracultura no país, Raul Seixas, e sua interface com a luta antimanicomial. Para tanto, propõe-se realizar levantamento bibliográfico sobre os sentidos que suas obras e ações tiveram na cultura brasileira, especialmente em um período de forte repressão e censura, a ditadura empresarial-militar de 64, no qual se deu o seu aparecimento midiático, e principalmente apontar influências que tiveram para o campo da saúde mental. A análise de dados foi realizada por meio da leitura dos artigos encontrados online que versam sobre a temática. Encontramos as músicas de Raul Seixas em vários sites e artigos que tratam sobre saúde mental. A utilização das artes e da música, em destaque aqui, é um importante fator para o envolvimento dos usuários dos serviços de saúde mental entre si e com os profissionais de saúde. Esse encontro com formas contra-hegemônicas de cuidado em saúde mental é resultado do amplo movimento de desinstitucionalização e de mudança de paradigmas que ocorreu na área, a partir da segunda metade do século XX, conhecido como reforma psiquiátrica. Através dela, mudou-se e vem mudando constantemente, através de uma luta ininterrupta, o olhar e o tratamento que se tem para com as pessoas em sofrimento psíquico, buscando-se lidar com a concretude das pessoas reais em seus processos singulares e dinâmicos, e colocando em parênteses as abstrações das classificações nosológicas, situação que era invertida à essa, no cuidado em saúde mental, antes da reforma.

Palavras-chave: luta antimanicomial, reforma psiquiátrica, música, arte e saúde mental.

## SUMÁRIO

	<b>Resumo</b>	
	<b>Apresentação</b>	
<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>Método .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADO: ponto de partida, as músicas e suas possibilidades analíticas</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE: caminhos e trilhas analíticas</b>	<b>37</b>
	<b>4.1 História de Raul Seixas</b>	<b>37</b>
	<b>4.2. A produção social sobre a loucura</b>	<b>44</b>
	<b>4.3. Raul Seixas e a luta antimanicomial</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>65</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>67</b>

## APRESENTAÇÃO

O trabalho de conclusão de curso na psicologia tem como principal objetivo iniciar e ensinar os discentes a trabalhar com pesquisa acadêmica, seus métodos e procedimentos. Assim sendo, ele é preparado durante 4 módulos, nos quais o estudante vai desenvolvendo um objeto de pesquisa que lhe aprouver, recebendo orientações de um professor responsável.

Enquanto estudante de psicologia e músico diletante, optei por um tema que conjugasse as duas áreas, acreditando na potente e fértil ligação entre ambas. Mais especificamente a área de saúde mental, suas contribuições, experiências desinstitucionalizantes, a partir da reforma psiquiátrica, e as experiências da música popular da contracultura, o rock, em seu contexto brasileiro, que se mescla com ritmos regionais.

Participando de práticas de estágio, num contexto de clínica aberta e ampliada, utilizo a música como ferramenta terapêutica e de transformação. Nessas práticas, são muito recorrentes a execução das músicas de Raul Seixas, conhecido como o Maluco Beleza, nas quais é comum o tema da loucura e outras excentricidades.

De tal forma, é possível e interessante traçar confluências e paralelos na vida e obra de Raul e na Saúde Mental, seja em um contexto clínico, ou mesmo em um político-cultural de forma mais ampla.

## 1. INTRODUÇÃO

Para Amarante e Nunes (2018), as políticas de saúde mental e atenção psicossocial no SUS têm relação direta com a ideia-proposta-projeto-movimento-processo da reforma sanitária e com o conjunto de transformações advindas da transição democrática brasileira, sendo, no entanto, um processo mais amplo e complexo, tendo em seu escopo a mudança da forma da sociedade lidar com a loucura, para alterar as formas de subjetivação dominantes.

Seus primeiros contornos ocorrem nos anos 1970 quando são denunciados alguns casos de abuso e violência manicomial. Tem início com o Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), em 1978, realizando congressos e simpósios, além de se aproximar do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES), e passar a organizar Comissões de Saúde Mental em estados como RJ, SP, MG, BA. No I Simpósio de Políticas de Saúde da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro, a CEBES apresentou a proposta de um Sistema Único de Saúde (SUS) (AMARANTE; NUNES, 2018).

No início dos anos 80, a Previdência Social está em crise financeira, aparecem propostas de reformulação da assistência médica. Com as mudanças políticas da Nova República e com ampla participação do MTSM, foi convocada a 8ª Conferência Nacional de Saúde, que transformou radicalmente a forma de participação social na construção de políticas públicas. A partir dela, foram convocadas conferências mais específicas, como a de Saúde Mental. Pela I Conferência Nacional de Saúde Mental, o MTSM decide convocar seu II Congresso Nacional, em dezembro de 1987, na cidade de Bauru (AMARANTE; NUNES, 2018).

O II Congresso enfatiza a proposta de “uma sociedade sem manicômios”. Lema da Rede de Alternativas à Psiquiatria, após encontro em Buenos Aires com grandes nomes da área. “Por uma sociedade sem manicômios” revela duas transformações significativas no movimento.

Uma, que diz respeito à sua constituição, na medida em que deixa de ser um coletivo de profissionais para se tornar um movimento social, não apenas com os próprios “loucos” e seus familiares, mas também com outros ativistas de direitos humanos. Outra, que se refere à sua imagem-objetivo, até então relativamente associada à melhoria do sistema, à luta contra a violência, a discriminação e segregação, mas não explicitamente pela extinção das instituições e concepções manicomiais. A partir de então se transforma em Movimento da Luta Antimanicomial (MLA) (AMARANTE; NUNES, 2018, p. 2069).

Consonante com os mesmos autores, o dia 18 de maio, já em Bauru, foi instituído como o Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Desde então, são realizadas atividades políticas, científicas, culturais e sociais por todo o mês de maio, considerado o Mês da Luta Antimanicomial. Os ativistas e/ou militantes do MLA são denominados mentaleiros (referência ao heavy metal) devido ao "barulho" que provocam, relacionado à grande repercussão dos eventos que organizam e à sua participação ativa nos fatos gerais da saúde.

Para Amarante e Nunes (2018), a partir das críticas à institucionalização da loucura, no final dos anos 1980, vislumbra-se a criação de práticas inovadoras alternativas ao modelo hospitalar e ambulatorial, de acordo com os princípios do SUS. Em São Paulo, são criados os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Em Santos, a partir do fechamento do hospital psiquiátrico Anchieta, é criada uma rede substitutiva, composta de serviços descentralizados, os NAPS (Núcleo de Atenção Psicossocial), distribuídos pelo território, além de dispositivos que supriam demandas de moradia, trabalho, lazer, cultura, etc.

Nos anos subsequentes, seguindo os princípios de cuidado em liberdade, a reforma psiquiátrica é ampliada. São criados hospitais-dia; centros de convivência e cultura; centros de referência; oficinas terapêuticas; Serviços Residenciais Terapêuticos; Programa Nacional de Avaliação dos Serviços Hospitalares; redefinição dos CAPS em relação à sua organização, ao porte, à especificidade dos usuários atendidos; Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF).

Paulo Amarante, em *A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica*, diz que na medida em que o imaginário social - e muito dele é decorrente da ideologia psiquiátrica tornada senso comum - relaciona loucura à incapacidade do sujeito em estabelecer trocas sociais e simbólicas (...), (...) o objetivo maior do processo de reforma psiquiátrica é a transformação do lugar social da loucura. Assim, o aspecto estratégico desta dimensão diz respeito ao conjunto de ações que visam transformar a concepção da loucura no imaginário social, transformando as relações entre sociedade e loucura.

"Os novos modos de atenção em saúde mental, criados no contexto da Reforma Psiquiátrica, contribuíram para o fortalecimento de práticas no campo sociocultural ao propor uma clínica não mais pautada no sintoma e na ideia de cura individual, mas voltada para a produção de vida e de saúde no plano coletivo. Inventar novos modos de viver e de sentir, novas sensibilidades implicou exercícios estéticos e uma articulação poderosa com o campo das artes e da cultura." (LIMA, 2012, p. 41)

Segundo Batista & Ribeiro (2016, p. 341) ``a música promove a ressignificação de lembranças, expressão de emoções e percepção da realidade e a sua utilização no contexto terapêutico favorece o equilíbrio interno e facilita espaços de trocas nos grupos, na cultura e nos territórios onde se transita ou se quer transitar.’’

Raul Seixas foi um outsider, um contestador, um artista, que através de suas músicas, levou um conteúdo crítico ao status quo para o grande público, desestabilizando e analisando padrões de pensamento e comportamento enrijecidos e dominantes na sociedade capitalista ocidental.

Para Foucault (1975, p. 79):

``no mundo burguês em processo de constituição, um vício maior, o pecado por excelência no mundo do comércio, acaba de ser definido; não é mais o orgulho nem a avidez como na Idade Média; é a ociosidade. A categoria comum que grupa todos aqueles que residem nas casas de internamento, é a incapacidade em que se encontram de tomar parte na produção, na circulação ou no acúmulo das riquezas (seja por sua culpa ou acidentalmente).’’

Na música de Raul ``O dia em que a Terra parou’’, do ano de 1977, ele nos sugere que muitos de nossos problemas seriam resolvidos se não nos disponibilizássemos a seguir automaticamente certas condutas orientadas pelo modo capitalista, indicando certa positividade no ócio, na recusa, na defecção:

... o empregado não saiu pro seu trabalho  
pois sabia que o patrão também não tava lá  
dona de casa não saiu pra comprar pão  
pois sabia que o padeiro também não tava lá  
e o guarda não saiu para prender  
pois sabia que o ladrão também não tava lá  
e o ladrão não saiu para roubar  
pois sabia que não ia ter onde gastar...  
... o comandante não saiu para o quartel  
pois sabia que o soldado também não tava lá  
e o soldado não saiu pra ir pra guerra



pois sabia que o inimigo também não tava lá...

Esses versos da canção "O dia em que a Terra parou" nos ajudam a perceber que mudanças coletivas de hábitos podem engendrar um diferente paradigma societal. Frayze-Pereira (1984, p. 101), aponta que "deslocando o indivíduo para fora do domínio do princípio da eficácia e da obtenção do lucro para a esfera dos recursos íntimos do homem, a loucura pode ser considerada uma força poderosa na invalidação dos mais caros valores burgueses."

Porém, para se efetivar enquanto força de resistência, a loucura não pode se isolar em indivíduos, necessitando agenciar-se coletivamente, para que tenha um valor cultural reconhecido e potente, transformando as formas de subjetivação dominantes na modernidade.

A restituição da experiência trágica, como a dos gregos e da renascença, é um caminho para revolucionar nossa sensibilidade e racionalidade, abrindo espaço para o delírio e a fantasia em nosso cotidiano. A arte cuja verdade "reside em seu poder de cindir o monopólio da realidade estabelecida (isto é, dos que a estabeleceram) para definir o que é real" (MARCUSE, 1977; apud FRAYZE-PEREIRA, 1984, pp. 101-102) permanece uma força dissonante, na qual a diferença e o diferente têm voz.

Posto isso, percebe-se uma nítida relação entre a obra de Raul Seixas, sua linguagem questionadora e fantástica, e a saúde mental. As transformações na reforma psiquiátrica, no âmbito social, institucional, das relações e de leis, envolveram mudanças na organização e gestão dos equipamentos de saúde e também outras de caráter subjetivo, da ordem do imaginário e do tratamento da loucura, na qual foi fundamental uma luta contra a exclusão e a violação de direitos.

O paradigma passou a ser cuidar do sujeito de forma integral. Pensou-se, então, em estratégias que contemplassem isso: estudar aquele em sua rede de cuidado, sua inserção social e garantir seus direitos, enquanto sujeito desejante, biopsicossocial, vivo e inscrito em um tempo histórico e cronológico.

Conforme o teórico da reforma psiquiátrica Paulo Amarante comenta (2007), saúde mental não é apenas psicopatologia ou semiologia, não podendo ser reduzida ao estudo e tratamento das doenças mentais. Desse modo, torna-se importante "pensar de forma

diferente, não mais com este paradigma da verdade única e definitiva, mas sim em termos de complexidade, de simultaneidade, de transversalidade de saberes'' nesse campo (AMARANTE, 2007, p. 16).

Assim, pode-se destacar que as músicas de Raul Seixas parecem possibilitar uma expressão de aspectos reprimidos em nossa sociedade, que apontam para maneiras outras de se estar no mundo, que denunciam morbidades do nosso cotidiano e apontam para formas de organização social mais saudáveis. Geram identificação em sujeitos classificados com transtornos mentais, que sofrem estigma, e operam uma desconstrução dos preconceitos e senso comum, sendo de grande valor e utilidade para os propósitos da Luta Anti-manicomial e da Reforma Psiquiátrica.

A partir do exposto, os objetivos deste trabalho de conclusão de Curso são:

Objetivo Geral:

- Investigar a obra de Raul Seixas articulada com a reforma psiquiátrica no Brasil, em sua interface com a luta antimanicomial.

Objetivos Específicos:

- Conhecer vida e obra de Raul Seixas;
- Articular elementos da obra do autor com momentos e contexto da luta antimanicomial;
- Analisar o uso de músicas de Raul Seixas na cena da Luta Antimanicomial;
- Revelar algumas experiências inspiradas na obra do artista.

## 2. MÉTODO

Empreendeu-se uma pesquisa qualitativa. Minayo (2006) entende como metodologia de pesquisa como aquelas capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas no seu advento como na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 2006, p. 22).

Ou seja, o método qualitativo consegue apreender a realidade de modo a não ignorar a atribuição de sentido e intenção, considerando estes relevantes e intrínsecos à existência, às ações e às relações humanas.

A primeira etapa foi realizar uma revisão narrativa, que se constitui a partir da análise qualitativa, que, de acordo com Minayo (2010, p. 57), pode ser definida pela aplicação ao estudo das crenças, da história, das relações, das percepções e opiniões, que são frutos da interpretação que os humanos fazem a respeito de suas próprias vivências.

Na revisão bibliográfica, foram estudadas as produções teóricas encontradas, para que se tivesse conhecimento da quantidade de produções sobre o tema e, também, sobre o conteúdo das mesmas. Assim, foram elaboradas tabelas dos artigos, com data e autores, e também foram lidos os resumos para que pudessem ser feitas as relações entre os mesmos.

Foi pesquisado em textos estudados em aula, como o de Frayze-Pereira e Foucalt, um caminho inicial para compor um paralelo entre a saúde mental e a obra de Raul Seixas. Foi indicado, também, outros textos, como o de Paulo Amarante, para compor a introdução.

Em seguida, foi lido alguns documentos específicos sobre a obra de Raul. Um documento que se pôde encontrar na internet, e que foi de grande valor para a pesquisa, foi a tese de doutorado de Luis Lima Boscato, que versa sobre a vida e obra de Raul no panorama da contracultura.

Foi assistido ao documentário ``O início, o fim e o meio'', de Walter Carvalho, que possibilitou uma aproximação maior com os fatos da vida do artista. Foi visto também pequenos vídeos de entrevistas e depoimentos de pessoas próximas, que falavam sobre variadas coisas, como as preferências políticas de Raul.

Foi feita uma pesquisa da musicografia do autor na enciclopédia livre da internet, Wikipédia. A partir da lista de suas obras, se ouviu uma por uma no site Youtube, desde o

álbum ``Rauzito e seus panteras``, sua primeira gravação, até ``A panela do diabo``, sua última gravação, e foram analisadas e escolhidas as músicas que melhor se encaixariam no tema da saúde mental.

Foram procuradas algumas análises no site [universoderaulsexias.wordpress.com](http://universoderaulsexias.wordpress.com) e no canal do youtube ``pensando nisso``.

Buscou-se as letras em pesquisa no site de busca google, e encontradas na fonte ``LyricFind``, e tentou-se indicar algumas análises a partir do repertório conceitual adquirido no curso de psicologia e nos textos e artigos usados como base.

A análise de conteúdo funciona como uma lente para interpretar o que é dito nas entrelinhas em uma pesquisa qualitativa. Dessa forma, conforme Cavalcante et al. (2014, p. 14) ``(...) a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição de mensagens e das atividades atreladas ao contexto de enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados.``

A partir daí, empreendeu-se um trabalho teórico, dividido em três seções, em que foi contada a história de vida de Raul Seixas; foi feito um trabalho de situação da loucura em um contexto histórico-cultural; e por fim, estabeleceu-se uma ligação entre a produção cultural de Raul e o movimento desinstitucionalizante de luta antimanicomial. Tudo isso baseado na bibliografia referenciada.

Com este desenho chegamos aos temas apresentados.

### 3. RESULTADO: ponto de partida, as músicas e suas possibilidades analíticas

Dentre as buscas realizadas encontramos um forte vínculo entre a mensagem veiculada pelas músicas e pela atitude de Raul Seixas e o conjunto de discursos e práticas da Reforma Psiquiátrica brasileira. Não por acaso suas músicas são tema de várias atividades da Luta Antimanicomial. Em uma simples busca no google, pode se encontrar milhares de matérias associando Raul Seixas e Luta Antimanicomial.

Em suas músicas encontramos vários temas que atravessam a saúde mental, tanto em questões que geram sofrimento psíquico, como viver em uma sociedade repressora, quanto também em formas de superá-las e produzir saúde, através da quebra de paradigmas e por meio de agenciamentos que criem outras formas de sociabilização, em consonância com os princípios desinstitucionalizantes da reforma psiquiátrica.

A seguir apresentamos um recorte de músicas escolhidas após vasta pesquisa discográfica do artista. Após cada uma das letras, apontamos um caminho analítico possível a ser seguido por nós no entendimento das articulações possíveis:

#### Letras das músicas:

*Música: Mosca na sopa    Álbum: Krig Há Bandolo    Ano: 1973*

#### Raul Seixas

*Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que perturba o seu sono  
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar  
Eu sou a mosca que perturba o seu sono  
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar  
E não adianta vir me dedetizar  
Pois nem o DDT pode assim me exterminar  
Porque 'cê mata uma e vem outra em meu lugar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar*

*Atenção, eu sou a mosca  
A grande mosca  
A mosca que perturba o seu sono  
Eu sou a mosca no seu quarto  
A zum zum zumbizar  
Observando e abusando  
Olha do outro lado agora  
Eu tô sempre junto de você  
Água mole em pedra dura  
Tanto bate até que fura  
Quem, quem é?  
A mosca, meu irmão  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
E não adianta vir me dedetizar  
Pois nem o DDT pode assim me exterminar  
Porque 'cê mata uma e vem outra em meu lugar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Eu sou a mosca que perturba o seu sono  
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar  
Eu sou a mosca que perturba o seu sono  
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar  
Mas eu sou a mosca que pousou em sua sopa  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar  
Fonte: [LyricFind](#)  
Compositores: Raul Seixas / Raul Santos Seixas  
Letra de Mosca Na Sopa © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Esta música anuncia a resistência à ditadura empresarial-militar brasileira, utilizando-se de recursos metafóricos para escapar da censura. Como a rede de resistência se espalha também através de formas indiretas, como na arte, por exemplo. E como tem poder de afetar outros que estão na mesma situação, se tornando uma resistência perene. Onde há poder, há resistência. A ditadura militar brasileira de 1964 foi um regime de caráter bonapartista, surgido como resposta à ascensão da esquerda institucional no poder. Além de perseguir, torturar, prender, matar, exilar, desaparecer e censurar pessoas ligadas à esquerda tradicional, vinculadas a partidos políticos, depois estendeu sua repressão a outros setores da sociedade, principalmente pessoas ligadas ao movimento de contra-cultura, atuando sobre elas principalmente sob a forma do poder psiquiátrico e internações manicomiais.

*Música: Metamorfose Ambulante Álbum: Krig Há Bandolo Ano:1973*

*Metamorfose Ambulante*

*Raul Seixas*

*Ah ah ah ah*

*Ah ah ah ah*

*Ah ah ah ah*

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes*

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Sobre o que é o amor*

*Sobre que eu nem sei quem sou*

*Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou*

*Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor*

*Lhe tenho amor*

*Lhe tenho horror*

*Lhe faço amor*

*Eu sou um ator*

*É chato chegar a um objetivo num instante*

*Eu quero viver nessa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Sobre o que é o amor*

*Sobre o que eu nem sei quem sou*

*Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou*

*Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor*

*Lhe tenho amor*

*Lhe tenho horror*

*Lhe faço amor*

*Eu sou um ator*

*Eu vou lhes dizer aquilo tudo que eu lhe disse antes*

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha, velha, velha, velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha, velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha, velha, velha opinião formada sobre tudo*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Fonte: LyricFind*

*Compositores: Raul Santos Seixas*

*Letra de Metamorfose Ambulante © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Canta a opção pela mudança, pela diferença. Aqui há uma aposta na Saúde como produção de diferença em não se enrijecer num caráter fixo. Sugere uma distinção entre um modo de subjetivação aberto ao fora, psicótico, esquizo enquanto processo, e um enrijecido no dentro, no mesmo, neurótico.

*Música: Ouro de tolo Álbum: Krig Há Bandolo Ano: 1973*

*Ouro de tolo*

*Raul Seixas*

*Eu devia estar contente porque eu tenho um emprego*

*Sou o dito cidadão respeitável*

*E ganho quatro mil cruzeiros por mês*

*Eu devia agradecer ao Senhor*

*Por ter tido sucesso na vida como artista*

*Eu devia estar feliz*

*Porque consegui comprar um Corcel 73*

*Eu devia estar alegre e satisfeito*

*Por morar em Ipanema*

*Depois de ter passado fome por dois anos*

*Aqui na cidade maravilhosa*

*Ah eu devia estar sorrindo e orgulhoso*

*Por ter finalmente vencido na vida*

*Mas eu acho isso uma grande piada*

*E um tanto quanto perigosa*

*Eu devia estar contente*

*Por ter conseguido tudo o que eu quis*

*Mas confesso, abestalhado*

*Que eu estou decepcionado*

*Por que foi tão fácil conseguir*

*E agora eu me pergunto "e daí?"*

*Eu tenho uma porção de coisas grandes pra conquistar*

*E eu não posso ficar aí parado*

*Eu devia estar feliz pelo Senhor*

*Ter me concedido o domingo*

*Pra ir com a família no jardim zoológico dar pipocas aos macacos*

*Ah, mas que sujeito chato sou eu que não acha nada engraçado*

*Macaco, praia, carro, jornal, tobogã, eu acho tudo isso um saco*

*É você olhar no espelho*

*E se sentir um grandessíssimo idiota*

*Saber que é humano, ridículo, limitado*

*E que só usa 10% de sua cabeça animal*

*E você ainda acredita que é um doutor, padre ou policial*

*Que está contribuindo com sua parte*

*Para nosso belo quadro social*



*Eu é que não me sento no trono de um apartamento  
Com a boca escancarada, cheia de dentes  
Esperando a morte chegar  
Porque longe das cercas  
Embandeiradas que separam quintais  
No cume calmo do meu olho que vê  
Assenta a sombra sonora de um disco voador*

*ah eu é que não me sento no trono de um apartamento  
Com a boca escancarada, cheia de dentes  
Esperando a morte chegar  
Porque longe das cercas  
Embandeiradas que separam quintais  
No cume calmo do meu olho que vê  
Assenta a sombra sonora de um disco voador*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Raul Santos Seixas*

*Letra de Ouro de tolo © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Crítica à sociedade de consumo, reforçada pelo “milagre econômico” da ditadura, tendo como corolário o empobrecimento da vida subjetiva. O fascismo para se consolidar precisa de pobreza espiritual. Sugere a superação pela imaginação, pelo sonho, o disco voador. Ouro de tolo era como se referiam pejorativamente ao objetivo de alguns apressados que buscavam na pseudo-alquimia o ouro, sem saber que os objetivos da alquimia eram outros. Houve, inclusive, uma passeata do ouro de tolo, em 1973, organizada por Raul Seixas e Paulo Coelho.

*Música: As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor; Álbum: Gita; Ano: 1974*

*As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*

*Raul Seixas*

*'Tá rebocado meu compadre  
Como os donos do mundo piraram  
Eles já são carrascos e vítimas  
Do próprio mecanismo que criaram*

*O monstro SIST é retado  
E tá doido pra transar comigo  
E sempre que você dorme de touca  
Ele fatura em cima do inimigo*

*A arapuca está armada  
E não adianta de fora protestar  
Quando se quer entrar  
Num buraco de rato  
De rato você tem que transar*

*Buliram muito com o planeta  
E o planeta como um cachorro eu vejo  
Se ele já não aguenta mais as pulgas  
Se livra delas num sacolejo*

*Hoje a gente já nem sabe  
De que lado estão certos cabeludos  
Tipo estereotipado  
Se é da direita ou dá traseira  
Não se sabe mais lá de que lado*

*Eu que sou vivo pra cachorro  
No que eu estou longe eu 'to perto  
Se eu não estiver com Deus, meu filho  
Eu estou sempre aqui com o olho aberto*

*A civilização se tornou complicada  
Que ficou tão frágil como um computador  
Que se uma criança descobrir  
O calcanhar de Aquiles  
Com um só palito pára o motor*

*Tem gente que passa a vida inteira  
Travando a inútil luta com os galhos  
Sem saber que é lá no tronco  
Que está o coringa do baralho*

*Quando eu compus fiz Ouro de Tolo  
Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse  
Mas eles só vão entender o que eu falei  
No esperado dia do eclipse*

*Acredite que eu não tenho nada a ver  
Com a linha evolutiva da Música Popular Brasileira  
A única linha que eu conheça  
É a linha de empinar uma bandeira*

*Eu já passei por todas as religiões  
Filosofias, políticas e lutas  
Aos onze anos de idade eu já desconfiava  
Da verdade absoluta*

*Raul Seixas e Raulzito  
Sempre foram o mesmo homem  
Mas pra aprender o jogo dos ratos  
Transou com Deus e com o lobisomem*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Raul Seixas*

*Letra de As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor © Warner Chappell Music, Inc*

Esta música retoma forte crítica ao sistema. Como os poderosos são escravos de escravos.

Como os neuróticos interpelados pela ideologia dominante perversa. Há aqui também uma crítica ecológica. E uma saída por meio da necessidade de radicalização com forte crítica à verdade absoluta, através do perspectivismo.

*Música: Sociedade Alternativa; Álbum: Gita; Ano:1974*

*Sociedade alternativa*

*Raul Seixas*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Viva! Viva!)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Viva o novo eon)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Viva! Viva! Viva!)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa!*

*Se eu quero e você quer*

*Tomar banho de chapéu*

*Ou esperar Papai Noel*

*Ou discutir Carlos Gardel*

*Então vá*

*Faça o que tu queres pois é tudo da lei*

*Da lei*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Faz o que tu queres, ha de ser tudo da lei)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Todo homem, toda mulher, é uma estrela)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Viva! Viva!)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! Ham*

*Mais se eu quero e você quer*

*Tomar banho de chapéu*

*Ou discutir Carlos Cardel*

*Ou esperar Papai Noel*

*Então vá*

*Faça o que tu queres pois é tudo da lei*

*Da lei*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Numero 666 chama se, Alestair Crowley)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (Faz o que tu queres, ha de ser tudo da lei)*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa!*

*Viva! Viva!*

*Viva a sociedade alternativa! (A lei do forte, essa é a nossa lie, e a alegria do mundo)*

*Viva! Viva!  
Viva a sociedade alternativa! (Viva! Viva! Viva!)  
Viva! Viva! (Viva o novo eon)*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Paulo Souza / Paulo Coelho De Souza / Raul Seixas / Raul Santos Seixas*

*Letra de Sociedade alternativa © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Eis uma celebração de uma sociedade utópica, com forte influência do anarquismo mutualista de Pierre Joseph Proudhon e do esoterismo de Aleister Crowley (Lei de Thelema).

Reivindicação da liberdade, baseada no desejo e no comunitarismo.

*Música: Prelúdio; Álbum: Gita; Ano:1974*

*Prelúdio*

*Raul Seixas*

*Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
Mas sonho que se sonha junto é realidade*

*Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
Mas sonho que se sonha junto é realidade*

*Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
Mas sonho que se sonha junto é realidade*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Raul Santos Seixas*

*Letra de Prelúdio © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Retrata a capacidade e necessidade de através de laços sociais obter reconhecimento e validar as nossas territorializações existenciais e o nosso desejo.

*Música: Tente outra vez; Álbum: Novo Aeon; Ano: 1975*

*Tente Outra Vez*

*Raul Seixas*

*Veja!  
Não diga que a canção  
Está perdida  
Tenha fé em Deus  
Tenha fé na vida  
Tente outra vez!*

*Beba! (Beba!)  
Pois a água viva  
Ainda tá na fonte  
(Tente outra vez!)  
Você tem dois pés  
Para cruzar a ponte  
Nada acabou!  
Não! Não! Não!*

*Oh! Oh! Oh! Oh!  
Tente!  
Levante sua mão sedenta  
E recomece a andar  
Não pense  
Que a cabeça aguenta  
Se você parar  
Não! Não! Não!  
Não! Não! Não!*

*Há uma voz que canta  
Uma voz que dança  
Uma voz que gira  
(Gira!)  
Bailando no ar  
Uh! Uh! Uh!*

*Queira! (Queira!)  
Basta ser sincero  
E desejar profundo  
Você será capaz  
De sacudir o mundo  
Vai!  
Tente outra vez!  
Humrum!*

*Tente! (Tente!)  
E não diga  
Que a vitória está perdida  
Se é de batalhas  
Que se vive a vida  
Han!  
Tente outra vez!*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Marcelo Ramos Motta / Paulo Coelho De Souza / Raul Santos Seixas*

Foi nesta época que Raul volta do exílio. Expressa a necessidade de esperança, resiliência, superação, confiar na mudança e na capacidade do desejo de criar realidade, apesar de sempre haver percalços.

*Música: A maçã; Álbum: Novo Aeon; Ano:1975*

*A Maçã*

*Raul Seixas*

*Se esse amor  
Ficar entre nós dois  
Vai ser tão pobre amor  
Vai se gastar*

*Se eu te amo e tu me amas  
Um amor a dois profana  
O amor de todos os mortais  
Porque quem gosta de maçã  
Irá gostar de todas  
Porque todas são iguais*

*Se eu te amo e tu me amas  
E outro vem quando tu chamas  
Como poderei te condenar?  
Infinita tua beleza  
Como podes ficar presa  
Que nem santa num altar?*

*Quando eu te escolhi  
Para morar junto de mim  
Eu quis ser tua alma  
Ter seu corpo, tudo enfim  
Mas compreendi  
Que além de dois existem mais*

*Amor só dura em liberdade  
O ciúme é só vaidade  
Sofro, mas eu vou te libertar  
O que é que eu quero  
Se eu te privo  
Do que eu mais venero?  
Que é a beleza de deitar*

*Quando eu te escolhi  
Para morar junto de mim  
Eu quis ser tua alma  
Ter seu corpo, tudo enfim*

*Mas compreendi  
Que além de dois existem mais*

*Amor só dura em liberdade  
O ciúme é só vaidade  
Sofro, mas eu vou te libertar  
O que é que eu quero  
Se eu te privo  
Do que eu mais venero?  
Que é a beleza de deitar*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Marcelo Ramos Motta / Paulo Coelho De Souza / Raul Santos Seixas*

*Letra de A Maçã © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Crítica à monogamia e apologia ao amor livre em oposição ao amor romântico. Crítica às relações possessivas, base da família nuclear burguesa, que estrutura o Complexo de Édipo, que é a base da subjetivação neurótica dominante de nossa época. O conservadorismo derivado disso é o que poderíamos chamar de fatores subjetivos da História.

*Música: Eu sou egoísta; Álbum: Novo Aeon; Ano:1975*

*Eu Sou Egoísta*

*Raul Seixas*

*Se você acha que tem pouca sorte  
Se lhe preocupa a doença ou a morte  
Se você sente receio do inferno  
Do fogo eterno, de Deus, do mal*

*Eu sou estrela no abismo do espaço  
O que eu quero é o que eu penso e o que eu faço  
Onde eu tô não há bicho-papão  
Eu vou sempre avante no nada infinito  
Flamejando meu rock, o meu grito  
Minha espada é a guitarra na mão*

*Se o que você quer em sua vida é só paz  
Muitas doçuras, seu nome em cartaz  
E fica arretado se o açúcar demora  
E você chora, 'cê reza, cê pede implora*

*Enquanto eu provo sempre o vinagre e o vinho  
Eu quero é ter tentação no caminho  
Pois o homem é o exercício que faz  
Eu sei sei que o mais puro gosto do mel  
É apenas defeito do fel  
E que a guerra é produto da paz*

*O que eu como a prato pleno  
Bem pode ser o seu veneno  
Mas como vai você saber sem tentar?*

*Se você acha o que eu digo fascista  
Mista, simplista ou antissocialista  
Eu admito, você tá na pista  
Eu sou ista, eu sou ego  
Eu sou ista, eu sou ego  
Eu sou egoísta, eu sou  
Eu sou egoísta, eu sou  
Por que não*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Marcelo Ramos + Motta / Raul Santos Seixas*

*Letra de Eu Sou Egoísta © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Parece uma escrita de inspiração nietzschiana, fala sobre ser forte, não fraquejar diante das coerções sociais, não ser animal de rebanho, não ter medo diante do que é considerado mal, já que isto é condição do que é considerado bem. Superação da moral.

*Música: Maluco Beleza; Álbum: O dia em que a Terra parou; Ano: 1977*

*Maluco Beleza*

*Raul Seixas*

*Enquanto você se esforça pra ser  
Um sujeito normal  
E fazer tudo igual  
Eu do meu lado aprendendo a ser louco  
Um maluco total  
Na loucura geral*

*Controlando a minha maluquez  
Misturada com minha lucidez  
Vou ficar, ficar com certeza maluco beleza  
Eu vou ficar, ficar com certeza maluco beleza*



*E esse caminho que eu mesmo escolhi  
É tão fácil seguir por não ter onde ir*

*Controlando a minha maluquez  
Misturada com minha lucidez  
Eu*

*Controlando a minha maluquez  
Misturada com minha lucidez  
Vou ficar, ficar com certeza maluco beleza  
Eu vou ficar, ficar com certeza maluco beleza  
Eu vou ficar, ficar com certeza maluco beleza  
Beleza, eu vou ficar, vou, vou ficar com toda certeza  
Maluco, maluco beleza  
Beleza, eu vou*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Claudio Roberto Andrade De Azeredo / Raul Seixas / Raul Santos Seixas*

*Letra de Maluco Beleza © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Música icônica dos movimentos de luta antimanicomial, maluco beleza canta a beleza da loucura e suas formas de criar singularidades raras, não padronizadas. Não se adaptar a uma sociedade doente é sinal de saúde. Enquanto o animal de rebanho quer se enquadrar, o maluco busca linhas de fuga que se diferenciam de territorializações pobres.

*Música: O dia em que a Terra parou; Álbum: O dia em que a Terra parou; Ano: 1977*

*O Dia Em Que a Terra Parou*

*Raul Seixas*

*Essa noite eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, eu sonhei  
Com o dia em que a Terra parou  
Com o dia em que a Terra parou*

*Foi assim  
No dia em que todas as pessoas  
Do planeta inteiro  
Resolveram que ninguém ia sair de casa  
Como que se fosse combinado em todo o planeta  
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém*

*O empregado não saiu pro seu trabalho  
Pois sabia que o patrão também não 'tava lá  
Dona de casa não saiu pra comprar pão  
Pois sabia que o padeiro também não 'tava lá*

*E o guarda não saiu para prender  
Pois sabia que o ladrão, também não 'tava lá  
E o ladrão não saiu para roubar  
Pois sabia que não ia ter onde gastar*

*No dia em que a Terra parou, eh eh  
No dia em que a Terra parou, oh oh oh  
No dia em que a Terra parou, oh oh  
No dia em que a Terra parou*

*E nas Igrejas nem um sino a badalar  
Pois sabiam que os fiéis também não 'tavam lá  
E os fiéis não saíram pra rezar  
Pois sabiam que o padre também não 'tava lá  
E o aluno não saiu para estudar  
Pois sabia o professor também não 'tava lá  
E o professor não saiu pra lecionar  
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar*

*No dia em que a Terra parou, oh oh oh oh  
No dia em que a Terra parou, oh oh oh  
No dia em que a Terra parou  
No dia em que a Terra parou*

*O comandante não saiu para o quartel  
Pois sabia que o soldado também não 'tava lá  
E o soldado não saiu pra ir pra guerra  
Pois sabia que o inimigo também não 'tava lá  
E o paciente não saiu pra se tratar  
Pois sabia que o doutor também não 'tava lá  
E o doutor não saiu pra medicar  
Pois sabia que não tinha mais doença pra curar*

*No dia em que a Terra parou oh yeah  
No dia em que a Terra parou, foi tudo  
No dia em que a Terra parou, oh oh oh  
No dia em que a Terra parou*

*Essa noite eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, acordei*

*No dia em que a Terra parou, oh yeah  
No dia em que a Terra parou, ohh  
No dia em que a Terra parou, eu acordei  
No dia em que a Terra parou, acordei  
No dia em que a Terra parou, justamente  
No dia em que a Terra parou (eu não sonhei acordado)  
No dia em que a Terra parou  
No dia em que a Terra parou  
No dia em que a Terra parou, oh yeah  
No dia em que a terra parou*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Claudio Roberto Andrade De Azeredo / Raul Seixas*

*Letra de O Dia Em Que a Terra Parou © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Através do exercício imaginativo, de um possível sonho, se levanta a hipótese de um monte de situações opressivas que não ocorreriam caso não houvesse um consentimento, uma servidão voluntária. E que a defecção, a recusa a seguir na máquina, ser mais um tijolo na parede, é uma forma de resistência, que pode ser bem potente se for agenciada coletivamente.

*Música: No fundo do quintal da escola; Álbum: O dia em que a Terra parou; Ano: 1977*

*No fundo do quintal da escola*

*Raul Seixas*

*Não sei onde eu to indo*

*Mas sei que eu to no meu caminho*

*Enquanto você me critica, eu to no meu caminho*

*Eu sou o que sou, porque eu vivo a minha maneira*

*Só sei que eu sinto que foi sempre assim minha vida inteira*

*Eu sei*

*Não sei onde eu to indo*

*Mas sei que eu to no meu caminho*

*Enquanto você me critica, eu to meu caminho*

*Desde aquele tempo enquanto o resto da turma se juntava pra:*

*Bate uma bola!*

*Eu pulava o muro, com Zézinho no fundo do quintal da escola*

*Não sei onde eu to indo*

*Mas sei que eu to no meu caminho*

*Enquanto você me critica, eu to meu caminho*

*Você esperando respostas, olhando pro espaço*

*E eu tão ocupado vivendo, eu não me pergunto, eu faço*

*Não sei onde eu to indo*

*Mas sei que eu to no meu caminho*

*Enquanto você me critica, eu to meu caminho*

*E se você quiser contar comigo e melhor não me chamar pra jogar bola*

*To pulando o muro com o Zézinho no Fundo do quintal da escola*

*Eu to*

*Eu to pulando o muro com o Zézinho no Fundo do quintal da escola*

*Eu to*

*Eu to pulando o muro com o Zézinho no Fundo do quintal da escola*

*Eu sempre estive lá*

*Eu to pulando o muro com o Zézinho no Fundo do quintal da escola*

*Fonte: LyricFind*

*Compositores: Claudio Roberto Andrade De Azeredo / Raul Santos Seixas*

*Letra de No fundo do quintal da escola © Warner Chappell Music, Inc, Som Livre*

Descreve a rebeldia ao recusar ser institucionalizado em um aparelho ideológico de Estado. As crianças se tornam indisciplinadas por terem que se submeter à disciplina, à violência institucional escolar.

*Música: Sapato 36; Álbum: O dia em que a Terra parou; Ano: 1977*

*Sapato 36*

*Raul Seixas*

*Eu calço é 37*

*Meu pai me dá 36*

*Dói, mas no dia seguinte*

*Aperto meu pé outra vez*

*Eu aperto meu pé outra vez*

*Pai eu já tô crescidinho*

*Pague prá ver, que eu aposto*

*Vou escolher meu sapato*

*E andar do jeito que eu gosto*

*E andar do jeito que eu gosto*

*Por que cargas d'águas*

*Você acha que tem o direito*

*De afogar tudo aquilo que eu*

*Sinto em meu peito*

*Você só vai ter o respeito que quer*

*Na realidade*

*No dia em que você souber respeitar*

*A minha vontade*

*Meu pai*

*Meu pai*

*Pai já tô indo-me embora*

*Quero partir sem brigar*

*Pois eu já escolhi meu sapato*

*Que não vai mais me apertar*

*Que não vai mais me apertar*

*Que não vai mais me apertar*

*Por que cargas d'águas*

*Você acha que tem o direito*

*De afogar tudo aquilo que eu*

*Sinto em meu peito*

*Você só vai ter o respeito que quer*

*Na realidade*

*No dia em que você souber respeitar*

*A minha vontade*

*Meu pai*

*Meu pai*

*Pai já tô indo-me embora  
Eu quero partir sem brigar  
Já escolhi meu sapato  
Que não vai mais me apertar  
Que não vai mais me apertar  
Que não vai mais me apertar*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Claudio Roberto Andrade De Azeredo / Raul Santos Seixas*

*Letra de Sapato 36 © Warner Chappell Music, Inc*

Nesta passagem o compositor apresenta violência institucional familiar. Destaca o conflito de gerações. E a criação de autonomia.

*Música: Todo mundo explica; Álbum: Mata virgem; Ano:1978*

*Não me pergunte por que  
Quem-Como-Onde-Qual-Quando-O Que?  
Deus, Buda, O tudo, O nada, O ocaso,  
Como o cosmonauta busca o nada, o nado, o nada  
Seja lá o que for, já é*

*Não me obrigue a comer  
O seu escreveu não leu  
Papai mordeu a cabeça  
De Dr. Don Sigismundo  
Porque sem querer cantou de galo que  
Cada cabeça era um mundo Gismundo  
Antes de ler o livro que o guru lhe deu  
Você tem que escrever o seu*

*Chega um ponto que eu sinto  
Que eu pressinto  
Lá dentro, não do corpo, mas lá dentro-fora  
No coração, no sol, no meu peito eu sinto  
Na estrela, na testa, eu farejo em todo o universo  
Que eu to vivo  
Que eu to vivo  
Que eu to vivo, vivo, vivo como uma rocha  
E eu não pergunto  
Porque já sei que a vida não é uma resposta  
E se eu aconteço aqui se deve ao fato de eu  
simplesmente ser  
Se deve ao fato de eu simplesmente*

*Mas todo mundo explica  
Explica Freud, o padre explica*

*Krishnamurti tá vendendo a explicação na livraria,  
que lhe faz a prestação  
Que tem Platão que explica,  
Que explica tudo tão bem, vai lá que  
Que todo mundo, todo mundo explica  
O protestante, o auto-falante, o zen-budismo,  
O Brahma e o Skol  
Capitalismo oculta um cofre de fá, fá, fé, finalismo  
Hare Krishna dando a dica  
Enquanto aquele papagaio curupaca implica  
E com o carimbo positivo da ciência  
Que aprova e classifica  
  
O que é que a ciência tem?  
Tem lápis de calcular  
Que é mais que a ciência tem?  
Borracha pra depois apagar  
Você já foi ao espelho, nego?  
Não?  
Então vá!*

A música indica que não se cabe achar respostas, descobrir o que se é, mas criar. Seguindo a linha da esquizoanálise, não se trata de interpretar, como Freud explica, mas de experimentar. Trilhar o seu próprio caminho. Sentir o dentro-fora, estar em contato com o Cosmos, estar aberto para as forças da superfície da produção desejante.

*Música: Gente; Álbum: Uah bap lu bap lah béin bum; Ano:1987*

*Gente*

*Raul Seixas*

*Gente*

*Gente*

*Gente é tão louca*

*E no entanto tem sempre razão*

*Quando consegue um dedo*

*Já não serve mais, quer a mão*

*E o problema é tão fácil de perceber*

*É que gente*

*Gente nasceu pra querer*

*Gente tá sempre querendo*

*Chegar lá no alto*

*Pra no fim descobrir*

*Já cansado que tudo é tão chato  
Mas o engano é bem fácil de se entender*

*É que gente  
Gente nasceu pra querer  
Em casa, na rua, na praia, na escola ou no bar... ah!  
Gente fingindo, escondendo seu medo de amar...*

*Uou uou uou uou!*

*Gente é tão louca*

*E no entanto tem sempre razão  
Quando consegue um dedo  
Já não serve mais, quer a mão*

*E o problema é tão fácil de perceber  
É que gente  
Gente nasceu pra querer,*

*Ok  
Gente  
Gente*

*Em casa, na rua, na praia, na escola ou no bar... ah!  
Gente fingindo, escondendo seu medo de amar...*

*Uou uou uou uou!*

*Gente é tão louca  
E no entanto tem sempre razão  
Quando consegue um dedo  
Já não serve mais, quer a mão  
E o problema é tão fácil de perceber*

*É que gente  
Gente nasceu pra querer*

*É que gente  
Gente nasceu pra querer...*

*É que gente  
Gente nasceu pra querer...*

*Uuuu...*

*Fonte: Musixmatch*

*Compositores: Raul Seixas*

*Letra de Gente © Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda*

Esta música fala sobre o sujeito desejante. Pode se relacionar com o mais-gozar do superego em Lacan, que quer sempre mais. Ou ainda com a vontade de vontade de Schopenhauer, que quando alcança, se entedia e quer outra coisa ou mais.

*Música: A Lei; Álbum: A pedra do Gênesis; Ano: 1988*

*Todo homem tem direito  
de pensar o que quiser  
Todo homem tem direito  
de amar a quem quiser  
Todo homem tem direito  
de viver como quiser  
Todo homem tem direito  
de morrer quando quiser*

*Direito de viver  
viajar sem passarporte  
Direito de pensar  
de dizer e de escrever  
Direito de viver pela sua própria lei  
Direito de pensar de dizer e de escrever  
Direito de amar,  
Como e com quem ele quiser*

*A lei do forte  
Essa é a nossa lei e a alegria do mundo  
Faz o que tu queres ah de ser tudo da lei  
Fazes isso e nenhum outro dirá não  
Pois não existe Deus se não o homem  
Todo o homem tem o direito de viver a não ser pela sua própria lei  
Da maneira que ele quer viver  
De trabalhar como quiser e quando quiser  
De brincar como quiser  
Todo homem tem direito de descansar como quiser  
De morrer como quiser  
O homem tem direito de amar como ele quiser  
De beber o que ele quiser  
De viver aonde quiser  
De mover-se pela face do planeta livremente sem passaportes  
Porque o planeta é dele, o planeta é nosso.  
O homem tem direito de pensar o que ele quiser, de escrever o que ele quiser.  
De desenhar de pintar de cantar de compor o que ele quiser  
Todo homem tem o direito de vestir-se da maneira que ele quiser  
O homem tem o direito de amar como ele quiser, tomai vossa sede de amor, como quiseres e  
com quem quiseres  
Ha de ser tudo da lei  
E o homem tem direito de matar todos aqueles que contrariarem a esses direitos  
O amor é a lei, mas amor sob vontade  
Os escravos servirão*



*Viva a sociedade alternativa  
Viva Viva*

*Direito de viver, viajar sem passaporte  
Direito de pensar de dizer e de escrever  
Direito de viver pela sua própria lei  
Direito de pensar de dizer e de escrever  
Direito de amar, como e com quem ele quiser*

*Todo homem tem direito  
de pensar o que quiser  
Todo homem tem direito  
de amar a quem quiser  
Todo homem tem direito  
de viver como quiser  
Todo homem tem direito  
de morrer quando quiser*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Raul Santos Seixas*

Gravação do Liber Oz, na íntegra, um livreto de 1941, de Aleister Crowley, considerado a declaração thelêmica dos direitos do homem e da mulher, e que inspirou o movimento da sociedade alternativa. A lei de Thelema é lei da vontade, tendo como lema ``Faze o que tu queres, pois é tudo da Lei''. Thelema não é qualquer vontade, mas sim vontade da vida, o propósito de vida de cada um.

*Música: Carpinteiro do universo; Álbum: A panela do diabo; Ano: 1989*

*Carpinteiro do universo*

*Raul Seixas*

*Arpinteiro do universo inteiro eu sou  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou*

*Não sei por que nasci  
Pra querer ajudar a querer consertar  
O que não pode ser*

*Não sei pois nasci para isso, e aquilo  
E o inguiço de tanto querer*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou*

*Estou sempre  
Pensando em aparar o cabelo de alguém*

*E sempre tentando mudar a direção do trem  
À noite a luz do meu quarto eu não quero apagar  
Pra que você não tropece na escada, quando chegar*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou*

*O meu egoísmo, é tão egoísta  
Que o auge do meu egoísmo é querer ajudar  
Mas Não sei por que nasci  
Pra querer ajudar a querer consertar  
O que não pode ser*

*Não sei pois nasci para isso, e aquilo  
E o inguiço de tanto querer*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou  
Carpinteiro do universo inteiro eu sou*

*Carpinteiro do universo inteiro eu sou (Ah eu sou assim!)  
No final,  
Carpinteiro de mim!*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Marcelo Nova / Raul Seixas*

*Letra de Carpinteiro do universo © Warner Chappell Music, Inc*

Parece uma resposta a ``eu sou egoísta``, afirmando o altruísmo. Fala sobre o querer mudar o universo, o mundo, e que nesse processo de transformação do mundo, ele acaba mudando a si mesmo.

*Música: Pastor João e a igreja invisível; Álbum: A panela do diabo; Ano: 1989*

*Eu não sei se é o céu ou o inferno  
Qual dos dois você vai ter que encarar  
E foi pra não lhe deixar no horror  
Que eu vim para lhe acalmar*

*Se o pecado anda sempre ao seu lado  
E o demônio vive a lhe tentar  
Chegou a luz no fim do seu túnel, minha filha  
O meu cajado vai lhe purificar*

*Pois eu transformo água em vinho  
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel  
Pra mim não existe impossível  
Pastor João e a igreja invisível*

*Pois eu transformo água em vinho  
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel  
Pra mim não existe impossível  
Pastor João e a igreja invisível*

*Pois eu transformo água em vinho  
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel  
Pra mim não existe impossível  
Pastor João e a igreja invisível*

*Pois eu transformo água em vinho  
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel  
Pra mim não existe impossível  
Pastor João e a igreja invisível*

*Para os pobres e desesperados  
E todas as almas sem lar  
Vendo barato a minha nova água benta  
Três prestações, qualquer um pode pagar*

*O sucesso da minha existência  
Está ligado ao exercício da fé  
Pois se ela remove montanhas  
Também traz grana e um monte de mulher.*

*Pois eu transformo água em vinho  
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel  
Pra mim não existe impossível  
Pastor João e a igreja invisível*

*Pois eu transformo água em vinho  
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel  
Pra mim não existe impossível  
Pastor João e a igreja invisível*

*Haa! Pastor João e a igreja invisível  
Haa! Pastor João e a igreja invisível  
Haa! Pastor João e a igreja invisível*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Marcelo Nova / Raul Seixas*

*Letra de Pastor João e a Igreja Invisível © Warner Chappell Music, Inc*

Em tom sarcástico, faz uma crítica à religiosidade protestante das igrejas neopentecostais e sua teologia da prosperidade. Usa de ironia para atacar a hipocrisia e demagogia de alguns religiosos.

*Música: Século xxi; Álbum: Panela do diabo; Ano: 1989*

*Há muitos anos você anda em círculos  
Já não lembra de onde foi que partiu  
Tantos desejos soprados pelo vento  
Se espatifaram quando o vento sumiu*

*Você vendeu sua alma ao acaso  
Que por descaso tava ali de bobeira  
E em troca recebeu os pedaços  
Cacos de vida de uma vida inteira*

*Se você correu, correu, correu tanto  
E não chegou a lugar nenhum  
Baby oh Baby bem vinda ao Século XXI*

*Você cruzou todas as fronteiras  
Não sabe mais de que lado ficou  
E ainda tenta e ainda procura  
Por um tempo que faz tempo passou*

*Agora é noite na sua existência  
Cuja essência perdeu o lugar  
Talvez esteja aí pelos cantos  
Mas está escuro pra poder encontrar*

*Se você correu, correu, correu tanto  
E não chegou a lugar nenhum  
Baby oh Baby bem vinda ao Século XXI*

*Fonte: [LyricFind](#)*

*Compositores: Marcelo Nova / Raul Seixas*

*Letra de Século XXI © Warner Chappell Music, Inc*

Prognóstico do que seria o século XXI, se alinhando ao que concerne à modalidade de um certo niilismo passivo, um cansaço, um esgotamento.

## **4. ANÁLISE: caminhos e trilhas analíticas**

### **4.1 História de Raul Seixas**

Os dados biográficos para composição deste item foram retirados de duas importantes obras sobre o artista: *Eu Devia Estar Contente - A Trajetória de Raul Santos Seixas* (SOUZA, 2011) e *Raul Seixas: um produtor barroco* (JORGE, 2009).

Raul Santos Seixas nasceu em Salvador, no estado da Bahia, na Avenida Sete de Setembro, número 108, próximo ao consulado americano na Bahia, em 28 de junho de 1945. Filho de Maria Eugênia Seixas, dona de casa, e de Raul Varella Seixas, engenheiro ferroviário. Três anos depois, nasceu seu único irmão, Plínio Santos Seixas, que seria seu melhor amigo de infância.

Aficionado desde criança pelos livros, Raul lia os exemplares da biblioteca de seu pai, que era um homem culto. Gostava de filosofia e do Livro dos Porquês. Coursou o primário na escola particular da Professora Sônia Bahia. Nesta época de infância, também criava gibis, para seu irmão, nos quais o protagonista era um cientista maluco, chamado Melô, que participava de histórias extraordinárias viajando no espaço e no tempo e interagindo com os grandes nomes da História universal, inclusive com Deus; o que evidencia que desde cedo Raul já tinha uma mente inventiva e criativa. Em relação ao repertório musical de infância, na sua casa ouvia-se música latina, mexicana, cubana, Boleros, Guarânias, Tangos, Baião e as marchinhas de carnaval.

Com onze anos, se aproxima dos filhos dos funcionários do consulado americano e, a partir daí, descobre o Rock`n`Roll, tornando-se um roqueiro, ou melhor, um rocker, como se denominava na época. Passa a adotar o estilo de comportamento transviado associado ao ritmo: usar jaqueta de couro preta, camisa de gola virada para cima, topete com gomas no cabelo e mascar chicletes. Funda, com os amigos, o Clube dos Cigarros, onde se reuniam para fumar escondidos e ouvir rock. Funda também o Elvis Rock Club.

Em 1957, entra para o ginásio no Colégio São Bento e matava aula para ir ouvir rock na loja de discos ``Cantinho da Música``. Essa atitude lhe rendeu três reprovações de ano. Só passará de ano quando sua família o matricula em um colégio interno, o colégio Marista. Nesta fase ginásial no colégio São Bento, chega a fabricar precariamente, ansioso para fazer seu próprio som, uma guitarra elétrica com um amigo, usando um violão ligado ao antigo rádio do avô do menino.

Aos 17 anos, Raul monta ``Os Relâmpagos do Rock'', seu primeiro grupo de rock, junto com os irmãos Délcio Gama e Thildo Gama, e fazem vários shows em clubes de Salvador. Um ano depois, o conjunto passa a se chamar The Panthers, e vão ganhando notoriedade na capital bahiana, se apresentando no programa Escada do Sucesso, da TV Itapoan.

Em 1964, Raul sai do colégio Marista e vai para o colégio Ipiranga, embora estivesse cada vez menos ligado ao ensino formal e mais dedicado a leituras autodidatas e a seu grupo musical. O The Panthers faz sua primeira gravação, inobstante não ser lançada comercialmente. Trata-se de um compacto no qual uma das duas músicas era uma versão que o pai de Raul fez para ``musidem'', uma música cantada por Elvis Presley no filme G. I. Blues. Neste mesmo ano, o The Panthers muda seu nome para Rauzito e os Panteras, consolidando sua profissionalização. São o grupo mais caro de Salvador e tocam no Iate Clube e em todo o interior bahiano. Faziam covers de Chuck Berry, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Little Richard, Beatles, entre outros.

Conforme nos diz a comunicadora Cibele Jorge, Raul acompanhou o período histórico em que o Rock se desenvolveu. Desde o princípio imerso nele, soube explicar com primazia a revolução que o Rock significou.

Eu ouvia os discos de Elvis Presley até estragar os sulcos. O rock era como uma chave que abriria minhas portas que viviam fechadas. O rock era muito mais que uma dança para mim, era todo um jeito de ser. Eu era o próprio rock. Eu era o James Dean, o Rebel Without a Cause. Eu era Elvis Presley quando andava e penteava o topete. Eu era alvo de risos, gracinhas, claro. Eu tinha assumido uma maneira de vestir, falar e agir, que ninguém conhecia. Lá na Bahia eu estava na frente de todos em matéria do que estava acontecendo no mundo, com relação à música. Claro que eu não tinha consciência da mudança social toda que o rock implicava. Eu achava que os jovens iam dominar o mundo. (SEIXAS, 2000, p.78; apud BOSCATO, 2006, p.98)

Em 1965, Raul abandona a escola, enfrentando a família, e se dedica à carreira fazendo shows no Cine Roma, local de Salvador onde se apresentavam artistas da Bossa Nova e da Jovem Guarda. Em uma ocasião, os Panteras tiveram que voltar ao palco, para o bis, por 5 vezes, atendendo a um público de mais de duas mil pessoas.

No ano seguinte, começa a namorar Edith Wisner, uma norte-americana filha de um pastor protestante. A rigidez puritana da família da moça contrasta com sua vida de artista rockeiro, e ele é cobrado para mudar de rumo. Se camufla, por um tempo, para conseguir ficar

com a moça. Larga os palcos, faz supletivo e ingressa na faculdade de Direito, além de trabalhar dando aulas de violão e de inglês. Depois que se casa com Edith, larga a faculdade de Direito. Tenta cursar Psicologia, mas não leva o plano adiante, e retorna para a carreira artística. Acompanha Jerry Adriani, músico da Jovem Guarda, em turnês pelo Norte do Brasil e Rio de Janeiro, junto com os Panteras.

Em 1968, lança o LP *Rauzito e Os Panteras*, pela gravadora Odeon, mas o disco não faz nenhum sucesso. Continuam como banda de apoio de Jerry Adriani no Rio de Janeiro, onde passam dificuldades financeiras que culminariam com o término do grupo. Raul retorna a Salvador decepcionado com o fracasso do disco e com os percalços passados no Rio de Janeiro, quando era sua mãe quem mantinha ele, sua esposa e os Panteras. Agora, em Salvador, era sua mulher quem o mantinha dando aulas de inglês, já separado dos Panteras, porém ainda com dificuldades financeiras.

Entretanto, em 1970, sua situação financeira começaria a melhorar quando ele conheceu Evandro Ribeiro, diretor da gravadora CBS, que o convida para ser produtor de discos e voltar ao Rio. Nesse período, nasce sua primeira filha, Simone Andrea Wisner Seixas.

Uma vez nos bastidores da música como produtor, Raul aprendeu a fazer músicas para chegar de forma eficiente ao público, produziu mais de oitenta músicas para conjuntos famosos e levou dessa época um conhecimento precioso sobre como viabilizar suas ideias. A CBS foi o estágio que completou sua percepção do mundo da música, unindo seu talento artístico ao conhecimento do funcionamento da indústria fonográfica. (JORGE, 2009, p.7)

Em 1971, gravou o LP *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez*, em parceria com Sérgio Sampaio, Edy Star e Mirian Batucada. Essa gravação foi feita sem o consentimento do diretor da gravadora, que estava viajando, o que resultou na demissão de Raul.

Em 1972, aos 27 anos, o maluco beleza participa do VII Festival da Canção, promovido pela TV Globo. As músicas de sua autoria que disputaram foram "Eu sou eu e Nicori é o Diabo" e "Let me sing, Let me sing", tendo interpretado ele mesmo esta última, caracterizado de forma que lembrava Elvis Presley. As duas músicas foram classificadas para a segunda fase do festival. Devido ao bom desempenho no festival, assina contrato com a gravadora Philips, que lança um compacto seu com as músicas "Let me sing, Let me sing" e "Teddy Boy, Rock e Brilhantina".

Em 1973, conhece Paulo Coelho, redator da revista underground ``A Pomba``. Junto com ele, realiza a passeata Ouro de Tolo, na qual saem às ruas do centro do Rio de Janeiro cantando com violão a música que dava nome à passeata e que tinha sido lançada em compacto pelo selo Polyfar, da gravadora Philips. A passeata e o compacto se tornam um sucesso, que o leva a lançar, no mesmo ano, seu primeiro álbum solo, que incluía a música Ouro de Tolo. Seu título era o grito de guerra do Tarzan nos gibis: ``Krig-Ha, Bandolo!``, que significa ``Cuidado, aí vem o inimigo.`` Foi considerado pela crítica seu melhor trabalho e atingiu o grande público.

Em setembro, realiza seu primeiro show em São Paulo, no Teatro das Nações, no qual distribuiu os gibis intitulados A Fundação de Krig-Ha, feitos por ele e Paulo Coelho, e desenhados por Adalgisa Rios, esposa de Paulo. Nos gibis, eles divulgam as ideias da Sociedade Alternativa, movimento criado por eles baseado nas ideias do ocultista inglês Aleister Crowley e do anarquista francês Pierre Joseph Proudhon.

Nesse mesmo ano ainda participa do Festival Phono 73, no Anhembi, e do show Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Lança também o LP Os 24 maiores sucessos da era do Rock, em que interpreta clássicos do estilo.

1974 é um ano atribulado para ele, porém com novidades boas. Em anos de chumbo da ditadura brasileira, a polícia o intima para se explicar a respeito do gibi A Fundação de Krig-Ha, que continha apologia à Sociedade Alternativa. Raul Seixas e Paulo Coelho são convidados a se retirar do país e se exilam nos Estados Unidos junto de suas mulheres. Retornam pouco tempo depois para gravar o álbum Gita. O LP vende mais de seiscentas mil cópias e Raul ganha o seu primeiro disco de ouro. Grava o clipe da música Gita, o primeiro musical colorido do país, que foi ao ar pela TV Globo. Grava também o clipe da música Sociedade Alternativa, além de gravar a trilha sonora da novela O Rebu, da TV Globo. Separa-se de Edith, sua primeira esposa, que volta para os Estados Unidos com a única filha do casal.

Em 1975, lança o álbum Novo Aeon, que não é tão bem recebido como os anteriores. Grava o clipe da música Trem das Sete e participa do festival Hollywood Rock, no Rio de Janeiro. No plano pessoal, casa-se, pela segunda vez, com Glória Vaquer, irmã de seu guitarrista Gay Vaquer.



Em 1976, nasce sua segunda filha, Scarlet Vaquer Seixas, com sua segunda mulher, Glória Vaquer. O lançamento do álbum Há Dez Mil Anos Atrás, pela Philips, rendeu-lhe grande sucesso. A capa chamativa trazia Raul de barba branca, vestido como um sábio ancião. A música tema caiu nas graças do público.

Sua arte musical, acompanhada de marcantes características visuais, foi sempre de ordem performática. Raul não se dedicou somente à música, mas à transmissão áudio-visual de suas ideias; os personagens que criava lhes davam vida, característica que trazia desde a infância, quando personificava Melô para vivenciar aventuras fantásticas com Plininho. (JORGE, 2009, p.10)

Ainda em 76, acaba a parceria com Paulo Coelho e rescinde contrato com a Philips.

Em 1977, assina contrato com a gravadora WEA/WARNER BROSS, e grava o álbum "O dia em que a Terra parou." Nesse álbum surge uma nova parceria com um antigo amigo, Cláudio Roberto. Gilberto Gil participa de uma faixa fazendo o arranjo e tocando violão, a "Que luz é essa". O disco não é bem recebido pela crítica e pelo público, apesar de conter o grande sucesso "maluco beleza", que viria a se tornar sinônimo de seu nome. Faz o show de lançamento do disco no Teatro Bandeirantes, em São Paulo. E ainda lança o LP Raul Rock Seixas, com restos de gravações de estúdio.

Acontecem algumas coisas inusitadas, como o fato dele cortar o cabelo e a barba e anunciar sua candidatura a deputado federal. Chega a pedir votos em seus shows. Provavelmente é mais uma das suas atitudes irreverentes e performáticas, irônicas, já que ele era anarquista e a candidatura não chega a se efetivar. Se separa de sua segunda esposa, Glória Vaquer, que também vai embora para os E.U.A. levando a filha do casal. Raul acaba sofrendo com o afastamento das duas filhas e com o abuso de álcool e drogas.

Raul inicia o ano de 1978 passando um tempo em uma fazenda na Bahia para se recuperar da pancreatite de que padecia em função do consumo abusivo de álcool. Depois, lança o álbum Mata Virgem, pela gravadora WARNER BROSS/WEA. O disco conta com a participação de Pepeu Gomes, na faixa Pagando Brabo, e reestabelece a parceria com Paulo Coelho em algumas canções. Ainda nesse ano, Raul passa a viver com sua terceira companheira, Tânia Menna Barreto.

Em 1979, é lançado seu álbum "Por quem os sinos dobram", pela WEA, tendo como parceiro musical Oscar Rasmussem. Algumas faixas contam com a participação de Sérgio Dias. O disco não vende bem. Ele rescinde contrato com a WEA, separa-se de Tânia, e vem a

conhecer Ângela Maria Affonso Costa, que seria sua quarta esposa, divulgadora e guardiã de sua obra, que ficaria conhecida como Kika Seixas. Raul, ainda no mesmo ano, passa por uma operação, no hospital Abert Einstein, na qual perde metade de seu pâncreas. Mesmo assim, continua abusando com o álcool e cresce sua reputação de mau profissional junto às gravadoras.

Em 1980, com 35 anos, assina novo contrato com a CBS e lança o disco ``Abre-te, Sésamo'', considerado uma homenagem à anistia política. A música Rock das Aranha foi censurada. Raul e Kika se mudam para São Paulo e faz o show de lançamento do disco no Programa do Chacrinha, da TV Bandeirantes. Nos shows, antes de cantar a música Abre-te Sésamo, Raul gritava várias vezes: ``Abre-te!'', com a plateia em uníssono, movimentando o braço como um maquinista, simbolizando a abertura que queriam do regime militar.

Em 1981, Sylvio Passos, um jovem de 18 anos, funda o fã clube oficial do Raul Seixas, chamado Raul Rock Club, que passa a contar com a participação ativa de Raul. Nasce a terceira filha do cantor, Vivian Costa Seixas. Ele rescinde contrato com a gravadora CBS.

Em 1982, mesmo sem gravadora, participa do Festival Música na Praia, na Praia do Gonzaga, em Santos, onde é assistido por mais de 180 mil pessoas. A TV Cultura faz a transmissão ao vivo do show.

Cancela boa parte de seus shows no ano, devido ao problema com o álcool. Aborrecido e bebendo, atravessou crises de hepatite e um triste incidente que o deixou arrasado por meses: no dia 15 de maio, ao apresentar-se alcoolizado e sem documentos durante um show numa feira folclórica na cidade de Caieiras, São Paulo, Raul é tido como impostor de si mesmo e é preso, mal tratado e obrigado a provar sua verdadeira identidade. No mesmo ano retorna ao Rio de Janeiro.

Em 1983, participa do especial infantil Plunct Plact Zum, da Rede Globo, com a música Carimbador Maluco, que fez ele ganhar seu segundo disco de ouro, pelo compacto simples que incluía a música tema do especial. Assina contrato com uma gravadora semi-independente, a Estúdio Eldorado. No dia 26 de fevereiro, retorna aos palcos tocando na Sociedade Esportiva Palmeiras e fazendo uma homenagem aos primeiros tempos do Rock.

Em abril deste ano, lançou o livro As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor, dividido em três partes: na primeira, um diário escrito entre os sete e os quatorze anos; na segunda, uma série de contos feitos entre os doze e os vinte e um anos; e na terceira, uma

história em quadrinhos chamada A Lei dos Assassinos da Montanha. O livro foi editado pela Shogun Arte, de Paulo Coelho. Ainda em abril, lança seu álbum intitulado apenas "Raul Seixas", pela gravadora Eldorado. Wanderléa participa da música Xote Quero Mais, que ele compôs com a esposa. Se transfere em definitivo para São Paulo. Em seus shows, lia e recitava textos, como o Ser Governado, de Proudhon, e explicava conceitos e músicas, principalmente referente à sociedade alternativa.

Em 1984, lança o álbum Metrô Linha 743, pela Som Livre, idealizado todo em preto e branco. A música Meu Piano tem a participação especial de Clive Stevens, músico estadunidense que Raul trouxe para o Brasil após uma viagem de pesquisa musical nos Estados Unidos. A música Mamãe eu não queria é censurada por criticar o serviço militar obrigatório. Neste ano, Raul se separa de Kika Seixas e seus problemas com álcool pioram ainda mais.

No ano seguinte, Raul decide voltar para Salvador, como em 1978, para se recuperar de problemas com o álcool. Depois de curto período lá, retorna para São Paulo acompanhado de sua última companheira, Lena Coutinho. Em São Paulo, procura uma nova gravadora, mas já estava sendo boicotado pelo segmento. Sem gravadora, lança então o álbum "Let me sing my Rock and Roll", pelo Raul Rock Club, o primeiro álbum produzido e distribuído de maneira independente por um fã clube brasileiro. Ainda em 85, fez o show Metrô Linha 743, na danceteria Rio Laser, em São Paulo, e o inusitado show Ouro de Tolo, no Garimpo Marupá, na floresta amazônica.

No ano de 1986, Raul assina contrato com a gravadora Copacabana, mas por enfrentar problemas de saúde e internações é postergado o lançamento de álbum. As aparições em programas de TV e shows são cada vez mais raros, devido aos problemas com álcool e em decorrência dele.

Em 1987, sai o álbum Uah-Bap-Lu-Bab-Lah-Béin-Bum!, pela Copacabana. Raul afirma ter feito o disco em homenagem ao Rock, para que os rockeiros não deixassem o estilo morrer. O disco lhe rende seu terceiro disco de ouro, com enorme sucesso da música Cowboy fora da lei, que integrava a trilha sonora de uma novela da Rede Globo. No mesmo ano, faz uma participação especial na gravação da música Muita Estrela, Pouca Constelação, da banda Camisa de Vênus.

Em 1988, lança o álbum "A pedra do Gênesis", pela Copacabana, com fraca divulgação. No plano pessoal, se separa de Lena Coutinho e vai morar em um pequeno apartamento no centro de São Paulo.

No ano de 1989, com 44 anos de idade, há três afastado dos palcos e com a saúde gravemente abalada, Raul recebeu o convite de Marcelo Nova para ir a Salvador para se apresentar. Juntos fizeram uma grande temporada de mais de cinquenta shows pelo país e muitas apresentações em programas de rádio e televisão. A turnê teve como resultado seu último álbum, gravado em parceria com Marcelo Nova: *A Panela do Diabo*, lançado pela WEA.

Na segunda-feira, dia 21 de agosto, Dalva Borges da Silva, que era empregada de Raul, chega ao seu apartamento, número 1003 do Edifício Aliança, na Zona Central de São Paulo, por volta das nove da manhã, e encontra Raul Seixas morto em sua cama. Dalva entra em contato com o médico e a família de Raul. A notícia se espalha e logo as emissoras de rádio e TV divulgam o fato. Jornalistas, fãs e amigos dirigem-se ao local onde Raul morava. Raul havia falecido, duas horas antes da chegada de Dalva ao local, de parada cardíaca, pela pancreatite que sofria há dez anos. Segundo os médicos, Raul simplesmente deixara de tomar as insulinas que deveria. O corpo foi velado no Palácio das Convenções do Anhembi, Zona Norte de São Paulo, durante toda a noite e madrugada, pelos fãs. Às oito da manhã do dia seguinte, o corpo seguiu num jatinho para Salvador, onde foi sepultado às 17 horas, no cemitério Jardim da Saudade.

O álbum *A Panela do Diabo* foi um grande sucesso e Raul ganhou, postumamente, seu quarto disco de ouro.

#### **4.2. A produção social sobre a loucura**

“A loucura é algo raro em indivíduos – mas em grupos, partidos, povos e épocas é a norma.”

(Friedrich Nietzsche)

Nos ocuparemos aqui em esboçar, em linhas gerais, aquilo que convencionou-se chamar de loucura, e como sua manifestação e significação são oriundas de processos históricos, sociais e culturais, não se podendo atribuir nenhuma essência ontológica a ela. Entretanto, essa forma de compreender a loucura não é ponto pacífico, tampouco senso comum em nossa sociedade capitalista ocidental moderna.

A loucura sofre um forte processo de exclusão, estigmatização e silenciamento, tornando-se um dos aspectos mais execrados da nossa cultura. É objeto de discursos referentes a saberes e práticas que a reificam como erro, falta, desvio, sendo entendida, hodiernamente, enquanto doença mental, algo da ordem do patológico e do mórbido. Esses discursos, que se espriam pela opinião pública, pretendem dizer a verdade sobre a loucura, mas camuflam o que há de eminentemente político e moral nas suas verdades, constituindo-se como formas de dominação a serviço do poder.

Apesar dessa institucionalização hegemônica, a loucura oferece resistência e encontra armas de combate em movimentos como o da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, amparados por referenciais como o da análise institucional. Assim, também, sempre se encontrou resistência através de manifestações de artistas marginais, culturas e movimentos alternativos, a exemplo do de contracultura da segunda metade do século XX, sendo este o caso, especificamente, do artista homenageado neste trabalho, Raul Seixas, que compreendia a loucura enquanto positividade produtora de diferença.

Em outras culturas, distantes da nossa, tanto geograficamente, quanto historicamente, existe a manifestação de fenômenos que para o homem europeu moderno, nosso referencial, só poderiam ser entendidos enquanto loucura, doença mental. No entanto, têm outros significados e são valorados das formas as mais diversas, a depender do fenômeno e da cosmovisão da sociedade em que estão inseridos.

Frayze-Pereira (1984), mostra que fenômenos como o transe, que seriam tomados por doenças pela psiquiatria organicista, têm outro valor simbólico em sociedades primitivas, denotando potencialidades boas, inclusive com funcionalidades sociais, exteriores à esfera individual. Mesmo quando alguns fenômenos são considerados loucura, são carregados de grande prestígio, a exemplo das sociedades africanas e árabes pré-coloniais, nas quais o louco era o eleito de Deus e da Verdade, expressão de uma imensa sabedoria, diferenciando-se por sua capacidade para a reflexão profunda. Nas sociedades primitivas, a loucura vincula-se estreitamente com o sagrado, evidenciando-se um forte respeito ao diferente por parte delas. Esses sistemas de crenças não são fruto de uma falta de desenvolvimento técnico-científico, mas estruturados intencionalmente para esconjurar o poder na sua forma de Estado e Capital, conforme vemos na letra de Deleuze e Guattari:

O primeiro interesse das teses de Clastres está em romper com esse postulado evolucionista. Clastres não só duvida que o Estado seja o produto de um desenvolvimento econômico determinável, mas indaga se as sociedades primitivas não teriam a preocupação potencial de conjurar e prevenir esse monstro que

supostamente não compreendem. Conjurar a formação de um aparelho de Estado, tornar impossível uma tal formação, tal seria o objeto de um certo número de mecanismos sociais primitivos, ainda que deles não se tenha uma consciência clara. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 19)

Na citação acima, os autores discutem estudos de Clastres sobre antropologia política, os quais demonstram que os povos primitivos têm um pressentimento latente do que seria o Estado, mas o rechaçam previamente, por intuírem seus efeitos deletérios. Isso se dá através de mecanismos sociais como o de subordinação dos líderes, entre outros. Na mesma linha, Deleuze e Guattari (2010) nos indicam que os povos primitivos não desconheciam instrumentos do Capital, como a troca, o comércio e a indústria, mas os mantêm numa posição subordinada, para que os códigos ritualísticos primitivos não sejam quebrados em proveito das quantidades abstratas e fictícias dos fluxos de troca e produção.

Por uma série de contingências históricas, o Estado e o Capital se desenvolveram e vieram a se afirmar enquanto positividade. Por meio de uma análise comparativa, fica fácil compreender que valores e práticas de culturas que os esconjuravam, vão ser rebaixados em um meio no qual o Estado e o Capital vicejam, ambiente altamente tecnocrático.

Boscato (2006) nos lembra da experiência de Antonin Artaud, um artista de vanguarda da primeira metade do século XX. Poeta, dramaturgo, muito influente, iconoclasta dos valores tradicionais ocidentais, foi buscar inspiração no transe de espiritualidades de povos que estão à margem da cultura oficial européia. Foi considerado louco pela Psiquiatria tradicional e foi internado diversas vezes.

Raul Seixas também manteve contato com culturas primitivas e experiências mágicas, sendo hostilizado por isso, entre outras coisas. Além de homenagear o povo Sioux na canção Cachorro Urubu, que foi o nome de um líder dessa tribo, dizendo que estava em guerra com zéu, referência aos U.S.; Raul visitou e acampou com uma tribo no Mato Grosso, sendo ridicularizado pela imprensa conservadora. Eis a notícia: "Raul Seixas esteve acampado numa taba de índios de Mato Grosso. Diz que foi buscar subsídios para futuras pesquisas. Depois esses caras querem ser levados a sério". (ESSINGER, 2005, p.75; apud BOSCATO, 2006, p.30)

No seio da própria sociedade ocidental, os valores racionalistas e tecnicistas não foram sempre hegemônicos. O que houve sempre foi um embate entre uma consciência crítica racional e uma experiência trágica, entendida como coexistência entre razão e desrazão simultaneamente, fruição estética da vida, com valorização do sentimento, do inefável, do incógnito, do dionisíaco. A consciência crítica prevaleceu na maior parte do tempo, como

prevalece hoje, mas houve momentos muito ricos e breves, na história ocidental, em que a experiência trágica foi predominante. Tais momentos foram a época trágica grega, entre os séculos VI e V a.c., e o período renascentista, entre os séculos XV e XVI. Não cabe, neste trabalho, nos ater à Grécia trágica, seu declínio com o platonismo e advento do cristianismo. Faremos, isto sim, explanações sobre a Renascença, seu declínio com o cartesianismo e desenvolvimento do capitalismo, abordando a forma específica dele lidar com a loucura, sendo mesmo necessária sua subjugação para o desenvolvimento do sistema.

A Renascença foi um período na história da Europa Ocidental localizado na passagem do Feudalismo para o Capitalismo. Foi assim chamado por ter como característica a revalorização de aspectos da cultura da Antiguidade Clássica greco-romana, e definhamento da cultura medieval marcada pelo ascetismo religioso cristão. Frayze-Pereira (1984) nos indica que o Renascimento celebra a loucura de várias formas: como em ritos populares, na filosofia e crítica moral, na literatura, no teatro e principalmente nas artes plásticas (por exemplo: Bosch; Breughel). Essas manifestações testemunham o prestígio da loucura de variadas formas e indicam a atração que ela exerce sobre as pessoas da época. ``Na França, por exemplo, loucos célebres escrevem livros que são publicados e lidos por um público culto como obras de loucura.`` (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 53)

A loucura circulava livremente na vida cotidiana, não era separada e excluída por culpas morais ou fundamentos médicos. Possuía uma multiplicidade e polimorfismo despertando tanto medo, quanto fascínio, muitas vezes exaltada, possível para cada um, entre seres excêntricos e bufões. Junto com o sonho e a imaginação, a loucura pertencia a uma sensibilidade que privilegiava a vivência da existência em sua totalidade, estando misturadas todas as experiências. Não havia critérios precisos para dividir sonho, vigília e loucura. A experiência trágica fluía livremente, apesar de se confrontar com a consciência crítica, que também estava presente.

Uma das práticas renascentistas recorrentes ligada à loucura era a Nau dos Loucos. Consistia em colocar os loucos em naus que perambulavam pelos rios e mares da Europa. Porém, essa prática não tinha uma função social de segregação, mas sim de caráter simbólico inscrita entre os exílios rituais. Era, inclusive, retratada na literatura da época. O fato de não ser compulsória, alguns embarcavam, outros não, além de muitas cidades acolherem os loucos dessas naus, mostra o caráter ritual desse costume muito estranho para nós. Envolto em uma mística da passagem e da água, o louco estava em todo lugar e em lugar nenhum.

A Narrenschift, símbolo da preocupação renascentista com a loucura, deixa o louco circular pelo mundo, "prisioneiro de sua própria partida", destinado a uma espécie de purificação pela água: "a navegação entrega o homem à incerteza da sorte: [...] todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco, em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. [...] Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem". (FOUCAULT, 1978, p.12; apud CALOMENI, 2010, p.62)

Podemos encontrar referência a essa simbologia em obras da cultura brasileira. O conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa, pode ser lido com uma interpretação análoga a essa mística da Nau dos Loucos. A relação da loucura com a água, a embarcação, a passagem, o desterro que não está lá, nem cá. Tudo composto através de um outro tipo de razão, ou desrazão, o incógnito, a terceira margem. São saberes de outra ordem, que atravessam os subterrâneos de nossa cultura e se manifestam aqui, ou acolá, hora de forma brilhante, hora de forma incompreendida ou ameaçadora. Raul Seixas tem muitas composições com essa riqueza metafórica, enunciando coisas obnubiladas, um tanto místicas e míticas, ligadas a essa simbologia.

Na canção "Água Viva", podemos notar referência ao símbolo da água, da fonte, ligado à noite, ao que não é claro, no sentido apolíneo. Tem uma conotação da ambivalência da passagem.

## Água Viva

Raul Seixas

Eu conheço bem a fonte  
Que desce aquele monte  
Ainda que seja de noite  
Nessa fonte está escondida

O segredo dessa vida  
Ainda que seja de noite  
"Êta" fonte mais estranha,  
que desce pela montanha  
Ainda que seja de noite.

Sei que não podia ser mais bela  
Que os céus e a terra bebem dela



Ainda que seja de noite  
Sei que são caudalosas as correntes  
Que regam os céus, infernos  
Regam gentes  
Ainda que seja de noite  
Aqui se está chamando as criaturas

Que desta água se fartam mesmo  
às escuras  
Ainda que seja de noite  
Ainda que seja de noite...

Eu conheço bem a fonte  
Que desce daquele monte  
Ainda que seja de noite  
Porque ainda é de noite!  
No dia claro dessa noite!  
Porque ainda é de noite

Essa letra foi inspirada em um texto de um santo católico, São João da Cruz. Ela é cheia de imagens simbólicas que podem ser interpretadas das mais diversas formas. Uma linha de análise pode bem seguir a simbologia da ritualização que discutíamos acima. A loucura como aspecto noturno, sem as luzes da razão, oculto, dionisíaco; coisa estranha, ambígua, bela, em que está escondida o segredo da vida; fonte que rega céus, infernos, gente, com caudalosas correntes; nau e canoa errante, que chamam as criaturas que se fartam mesmo às escuras, nessas águas circulantes por terra e céu.

Embora a loucura seja acolhida no Renascimento, há um fenômeno que sofre uma forte exclusão desde a Alta Idade Média. Os excluídos e segregados são os leprosos, que ficam apartados das cidades em locais reservados para eles, os leprosários. Os leprosários se multiplicam aos milhares por toda a Europa. Marginalizados, os leprosos são considerados problemáticos, na época, menos por uma questão epidemiológica, e mais por questões religiosas. Tidos como pecadores e malditos, os leprosos encarnam o castigo oferecido por Deus para purificá-los. A segregação será uma forma de redenção, não obstante criar todo um imaginário estigmatizante ligado a eles.

Devido ao fim das Cruzadas, interrompendo o contato com os focos de contaminação no Oriente, e mesmo com o isolamento dos leprosários, que acabaram tendo um efeito de contenção epidemiológica inconsciente, a lepra regride e desaparece entre os séculos XV e

XVII na Europa Ocidental. Todavia, os valores, imagens e locais ligados ao leproso e à sua exclusão permanecerão latentemente no imaginário europeu, para se vincular mais tarde a outras figuras.

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e `cabeças alienadas' assumirão o papel abandonado pelo lazarento [...] Com um sentido inteiramente novo, e numa cultura bem diferente, as formas subsistirão. (FOUCAULT, 1978, p. 6-7; apud TORRE; AMARANTE, 2011, p. 50)

O século XVII porá fim ao convívio pacífico que a sociedade renascentista experimentava com a loucura, através de duas instituições: A produção intelectual da época, notadamente a filosofia racionalista cartesiana; e a instituição sócio-política do internamento, também chamada de O Grande Enclausuramento.

Menezes ([s.d.]) indica que Foucault designou como golpe de força a forma pela qual a filosofia cartesiana implantou um novo regime de verdade, que serviu de base para a constituição do pensamento científico moderno capitalista, através da absoluta invalidação do pensamento na loucura e da própria loucura, entendida como erro. O método cartesiano postula a dúvida hiperbólica como condição de existência do sujeito e modo pelo qual se chega à verdade, instaurando a soberania do *Cogito*. ``*Cogito, ergo sum*''; ``Penso, logo existo''. A despeito de haver muitas formas de engano na nossa vida, como os sonhos e ilusões sensoriais, através da dúvida, do pensamento, da razão podemos retificá-las para ter acesso à verdade. Só existiria uma forma pela qual seria impossível a retificação. Essa forma seria a loucura, pois o louco não poderia pensar, duvidar, logo não existiria enquanto sujeito. Destarte, Descartes descarta a possibilidade de uma experiência comum na Renascença, qual seja, a de uma razão desarrazoada, um desatino racional, a experiência trágica. Separa razão e desrazão resolutamente, blindando a primeira da segunda, através da destituição da loucura, única forma, com efeito, pela qual a razão não subsumiria a desrazão, segundo sua filosofia.

No início da Idade Clássica, período classificado por Foucault entre os séculos XVII e XVIII, a Europa enfrenta uma grave crise econômica que gera muita pobreza e cria um contingente de desempregados e desocupados. Como corolário da Reforma Protestante e da Contrarreforma Católica, expressões da ideologia dominante do Capitalismo em desenvolvimento, com sua premência de produtividade, opera-se uma identidade entre a mendicância, a ociosidade, a falta de trabalho e o vício. O pobre era culpado por sua

condição, pela fraqueza de sua vontade. Deveria ser punido como exemplo e só se redimiria através da culpa.

Uma nova forma de exclusão se deu por meio de uma nova necessidade de ordenação do espaço público. O "Grande Enclausuramento" abrigava prostitutas, libertinos, sífilíticos, doentes venéreos, desafetos do Rei, doentes moribundos, mendigos, andarilhos, desordeiros, loucos e todo tipo de marginal. No entanto, este internamento do louco na época clássica não colocava em questão as relações da loucura com a doença, mas sim "as relações da sociedade consigo própria, com o que ela reconhece ou não na conduta dos indivíduos" (FOUCAULT, 1975, p. 79), no sentido de eliminar a desordem e impor a ordem pública, coerente com o nascimento das cidades e suas consequências. (TORRE; AMARANTE, 2011, p. 51)

No começo, o internamento tinha também um motivo econômico, na medida em que colocava desocupados para gerar renda compulsoriamente, através de mão de obra barata. Outro motivo era o assistencial, acolhendo as pessoas que se encontravam desamparadas, pretendendo evitar, assim, a deflagração de revoltas. Porém, essas intenções não se mostraram eficazes, haja vista o capitalismo cria invariavelmente miséria e entra ciclicamente em crise; além de, em decorrência disso, terem estourado diversas revoltas e revoluções durante o período. Contudo, o internamento se mostrou exitoso no seu principal objetivo, o moral. Conseguiu tornar o valor-trabalho um imperativo moral da sociedade, considerado principal virtude frente aos vícios da libertinagem e do desatino, que serão excluídos e castigados a ferro e fogo dentro das instituições do enclausuramento, para forjar o modelo de homem e trabalhador ideal, único padrão de vida considerado racional.

Esse imperativo moral do trabalho ascético é hegemônico até hoje em nossa sociedade. Em muitas de suas músicas, Raul Seixas faz críticas cirúrgicas desse modelo de trabalhador disciplinado, infeliz, solo fértil para o sofrimento psíquico.

### **Meu Amigo Pedro (Letra)**

Muitas vezes, Pedro, você fala  
Sempre a se queixar da solidão  
Quem te fez com ferro, fez com fogo, Pedro  
É pena que você não sabe não

Vai pro seu trabalho todo dia  
Sem saber se é bom ou se é ruim  
Quando quer chorar vai ao banheiro  
Pedro as coisas não são bem assim

Toda vez que eu sinto o paraíso  
Ou me queimo torto no inferno

Eu penso em você meu pobre amigo  
Que só usa sempre o mesmo terno

Pedro, onde você vai eu também vou  
Mas tudo acaba onde começou

Tente me ensinar das tuas coisas  
Que a vida é séria, e a guerra é dura  
Mas se não puder, cale essa boca, Pedro  
E deixa eu viver minha loucura

Lembro, Pedro, aqueles velhos dias  
Quando os dois pensavam sobre o mundo  
Hoje eu te chamo de careta, Pedro  
E você me chama vagabundo

Pedro, onde você vai eu também vou  
Mas tudo acaba onde começou

Todos os caminhos são iguais  
O que leva à glória ou à perdição  
Há tantos caminhos tantas portas  
Mas somente um tem coração

E eu não tenho nada a te dizer  
Mas não me critique como eu sou  
Cada um de nós é um universo, Pedro  
Onde você vai eu também vou

Pedro, onde você vai eu também vou  
Mas tudo acaba onde começou

É que tudo acaba onde começou  
Meu amigo Pedro

Nesta música, Raul diz que seu amigo Pedro vai para o trabalho todo dia sem saber se é bom ou se é ruim, ou seja, faz automaticamente, como um robô. Quando quer chorar vai ao banheiro – o espaço das emoções tem que ser escondido, não faz parte do racionalismo

instrumental. Quem o fez assim, o fez com ferro (as correntes do internamento), e fez com fogo (as luzes do racionalismo cientificista), mas ele não sabe disso, porque está introjetado inconscientemente, um inconsciente histórico. Raul sente o paraíso, e se queima no inferno, quer dizer, movimento de expansão e contração da vida saudável, enquanto Pedro usa sempre o mesmo terno, tem um caráter fixo, é um neurótico. Apesar de tudo isso, Pedro chama Raul de vagabundo, supostamente por viver uma vida errante, desqualificada aos olhos da maioria.

No século XVII, a consciência geral sobre a loucura e o desatino estão juntas. Ambos apresentam incapacidade para o trabalho e impossibilidade de integração com o grupo, representam um perigo à ordem. Porém, a loucura tem algumas particularidades. Nela, o homem está privado de sua racionalidade, logo, também de sua humanidade, o que o liga com a animalidade e sua ferocidade natural que o torna perigoso. Essa falta de racionalidade, porém, deriva de uma questão ética, vontade corrompida que leva ao último estágio de degradação do humano, no limiar com a animalidade. Haverá um excedente de repressão sobre o louco, apesar de os outros internos também serem reprimidos, com o intuito de punir, não de curar. Tudo isso sancionado por estruturas semijurídicas, não entrando no campo da saúde/doença mental.

Calomeni (2010) aponta, na leitura de Foucault, que uma confluência de mudanças no campo das ideias e das práticas, a partir da segunda metade do século XVIII, vai alterar a experiência clássica da loucura e do internamento, transformando-os em alienação e asilo, retrospectivamente; este último destinado apenas aos loucos.

Algumas percepções da sociedade clássica serão invertidas, sem mudar suas raízes, contudo. Essas mudanças têm ligação com as revoluções industrial e francesa, com o advento da Sociedade Moderna e seus fundamentos iluministas. Assim como têm base na mudança de um paradigma de controle baseado na punição, para outro baseado na vigilância, características do poder soberano e disciplinar, retrospectivamente.

No campo das ideias, a loucura será associada a um afastamento do homem da natureza causado pela sociedade industrial:

``[...] afastado da natureza, o homem se afasta da ``sua`` verdade. Perda da natureza, distanciamento de si, loucura é ``alienação``. Própria do interior, a loucura vai se transformando em via de acesso à verdade do homem: ``o *homo psychologicus* é um descendente do *homo mente captus*,`` diz Foucault.`` (CALOMENI, 2010, p. 57)

No campo prático, o Enclausuramento receberá uma dupla crítica arraigada na visão liberal: crítica política contra a repressão dos internos, que fazem um movimento pelo direito

de não serem internados com os loucos, o que resultava em um excedente de repressão e estigmatização, além do perigo da convivência com os loucos; e crítica econômica do entrave que o internamento causava à economia, tendo em vista que o capitalismo industrial nascente necessitava de mão de obra abundante no mercado, diferentemente do capitalismo mercantil.

A partir dos estudos sobre histeria iniciados com Le Pois (SILVEIRA; SIMANKE, 2009) e dos discursos associados aos males dos nervos ligados a alterações dos humores, ocorre a superação da noção etiológica do desatino referida a desvios morais. Emerge uma percepção de sensibilidade subjetiva; de que o excesso de estímulos do meio industrial causaria danos a conformações de corpo-alma hipersensíveis. ``O que era cegueira vai tornar-se inconsciência, o erro se tornará falta`` (FOUCAULT, 1997, p. 295).

De acordo com Silveira e Simanke (2009), a revolução francesa vai encerrar a fase do internamento, porém mantendo a clausura dos loucos no asilo mediante laudo médico. Com isso, surgirá uma psiquiatria positiva de análise e identificação da loucura, e o internamento passará a ter, oficialmente, uma função curativa, e não mais repressiva ou punitiva.

A cura só será possível mediante a instituição de um objeto preciso de intervenção: a ``doença mental``. Para isso, a psiquiatria oitocentista, com aspirações de ser uma ciência positiva, se baseará em um método herdado da botânica, no qual se procede um rigoroso processo de taxonomização, classificação e isolamento para se chegar à verdade da doença, tentando afastar as paixões e perturbações externas, causas dos desvios, e tornar possível a cura ou mitigação da loucura. ``[...] o doente foi isolado e colocado entre parênteses pela psiquiatria para que pudesse se ocupar da definição abstrata de uma doença, da codificação das formas, da classificação dos sintomas [...]`` (BASAGLIA, 1981, p. 498; apud AMARANTE, 1994, p. 68), sem correr o risco de ser ilidida por uma realidade que poderia contradizê-la, negando, assim, a mesma.

Cria-se, desta forma, um dispositivo que ao mesmo tempo em que se atribui um saber sobre a doença, efetua um poder de gerá-la, através da subordinação dos internos submetidos a técnicas de reclusão e correção moral. O médico se torna o ``mestre da loucura``, [...] ``aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado``. (FOUCAULT, 1979, p.12; apud TORRE; AMARANTE, 2011, p. 54)

Um caso emblemático disso é a experiência de Charcot com as histéricas, que diante do saber-poder dele, reproduziam um quadro clínico análogo à epilepsia. Mediante seus

pedidos, desencadeavam reações sintomatológicas de tipo somático, comparável a uma doença orgânica.

Não podemos dizer, com certeza, se Raul Seixas conhecia esses fatos, ou se chegou a ler *A História da Loucura*, de Foucault, tendo em vista que ele se interessava e lia materiais de psicologia e filosofia. Ao menos ele, certamente, intuía ou chegou a conclusões parecidas por meio de outras referências. Fato é que ele fazia críticas ao poder psiquiátrico e à forma como a loucura era desvalorizada no nosso meio. Também tinha consciência da capacidade instituinte do saber-poder descrito por Foucault. É o que se observa no trecho de letra a seguir, retirado da música *Aquela Coisa*: “Meu sofrimento é fruto do que me ensinaram a ser/ sendo obrigado a fazer tudo mesmo sem querer.” A música, provavelmente, se refere a outras coisas; mas, como é próprio de boas obras artísticas, abriga uma polissemia que pode ser interpretada e transposta para diversas situações. Uma delas é a que viemos argumentando até aqui.

Rotelli (2001) afirma que há uma interiorização de um olhar clínico na experiência do sofrimento psíquico, que está incorporada de forma latente no cotidiano dos indivíduos. Algo que vem de longe e está disperso no meio social, sendo produtor da linguagem da loucura, anterior e constitutivo da sua manifestação. Na mesma linha em que Foucault (1997) diz que a interioridade psicológica foi constituída a partir da exterioridade da consciência escandalizada, balizando o nascimento da psicologia através da moral cotidiana e burguesa.

Nesse sentido, Basaglia vai falar do aspecto duplo da doença mental (AMARANTE, 1994), ou seja, aquilo que se constrói institucionalmente em relação à pessoa em sofrimento, que vai reificá-la, negando sua subjetividade e história de vida, ampliando e até criando a sintomatologia, o que gerará mais sofrimento. A partir disso que ele proporá colocar a doença mental entre parênteses. Basaglia dirá sobre sua aproximação com o manicômio:

O primeiro contato com a realidade do asilo tem imediatamente realçado as forças em jogo: o internado [...] é objeto de uma violência institucional que atua em todos os níveis... O nível de degradação, objetivação, aniquilação total, que se observa, não é a pura expressão de um estado de morbidade, mas sim o produto de uma ação destrutiva de uma instituição cujo objetivo era a proteção das pessoas saudáveis contra a loucura. (BASAGLIA, 1968, p. 128; apud SERAPIONI, 2019, p. 1175)

Assim vemos, conforme Frayze-Pereira (1984), que as práticas de internação do período clássico se estendem à hospitalização contemporânea. A psiquiatria moderna não usa mais os conhecimentos e algumas práticas do século XVIII, mas herdou as relações que a

idade clássica estabeleceu culturalmente com a desrazão, refinando seus dispositivos de controle e silenciamento sobre algo que é dissonante do modo de vida moderno capitalista.

### **4.3. Raul Seixas e a luta antimanicomial**

Depois da Segunda Guerra Mundial e início da segunda metade do século XX, ocorre uma série de mudanças no panorama mundial que propiciaram transformações no paradigma manicomial, repercutindo no surgimento do movimento de reforma psiquiátrica. Dentre esses motivos, (VASCONCELOS, 1992; apud QUEIROZ, 2009) podemos citar, entre outros: A preocupação com transtornos mentais, causados pela guerra, na população e em ex-combatentes; a escassez de mão de obra, devido à guerra e ao envelhecimento da população, levando à necessidade de integração de grupos marginalizados no mercado de trabalho; processos de democratização, revolucionários e reformistas, que consolidaram direitos sociais, políticos e civis; implementação de diversas formas de Estado de bem-estar social, para a auto-regulamentação capitalista; modificação demográfica, envelhecimento populacional, junto com mudança nas relações de gênero (mulher no mercado de trabalho), causando a indisponibilidade de cuidados domésticos e demandando mudanças nos serviços de assistência; desenvolvimento da psicofarmacologia; modernização da medicina, visando atender um público de renda alta; surgimento de novas teorias e práticas terapêuticas.

Diante de tais fatores, o campo da saúde mental se transformou. No começo, por volta da década de 50, surgiram experiências que visavam modificar o ambiente interno dos hospitais psiquiátricos aperfeiçoando os serviços, humanizando-os, dinamizando-os internamente e nas suas relações com a comunidade ao entorno. Porém, as rupturas mais radicais surgiram na década de 60, com a antipsiquiatria e a Psiquiatria Democrática Italiana. Através delas, não se buscava apenas a humanização dos serviços, mas o fim peremptório dos manicômios e a invalidação da psiquiatria enquanto saber efetivo sobre a loucura. Efetuou-se uma profunda mudança na forma de entender o sofrimento psíquico e de como lidar com ele.

De acordo com Amarante, no olhar da antipsiquiatria, a loucura era vista como:

uma experiência positiva de libertação, uma reação a um desequilíbrio familiar, não sendo um estado patológico, nem muito menos o louco um objeto passível de tratamento. O louco é, portanto, uma vítima da alienação geral, tida como a norma, e é segregado por contestar a ordem pública e colocar em evidência a repressão da prática psiquiátrica, devendo, por isso ser defendido e reabilitado. É a mistificação



dessa realidade social alienada que destrói a experiência individual e comportamental, inventando o louco, tido como perigoso e passível de perda de voz. (AMARANTE, 1998, p. 44; apud QUEIROZ, 2009, p.38)

Para os admiradores da obra de Raul Seixas, fica nítido que ele tinha uma visão sobre a loucura bem próxima da visão da antipsiquiatria. É o que podemos conferir na letra da canção ``É fim de mês``:

É fim de mês, é fim de mês  
é fim de mês (é) é fim de mês (é)

Eu já paguei a conta do meu telefone  
Eu já paguei por eu falar e já paguei por eu ouvir  
Eu já paguei a luz, o gás, o apartamento  
Kitnet de um quarto que eu comprei a prestação  
Pela caixa federal, au, au, au  
Eu não sou cachorro não (não, não, não)  
Eu liquidei, eu liquidei  
Eu liquidei a prestação do paletó, do meu sapato, da camisa  
Que eu comprei pra domingar com o meu amor  
Lá no Cristo, lá no Cristo Redentor, ela gostou (oh) e mergulhou (oh)  
E o fim de mês vem outra vez  
E o fim de mês vem outra vez

Eu já paguei o peg-pag, meu pecado  
Mais a conta do rosário que eu comprei pra mim rezar Ave Maria  
Eu também sou filho de deus  
Se eu não rezar eu não vou pro céu  
Céu, céu, céu  
Eu já fui Pantera, já fui hippie, beatnik  
Tinha o símbolo da paz pendurado no pescoço  
Porque nego disse a mim que era o caminho da salvação  
Já fui católico, budista, protestante  
Tenho livros na estante, todos tem explicação  
Mas num achei mas procurei  
Pra você ver que eu procurei  
Eu procurei fumar cigarro Hollywood  
Que a televisão me diz que é o cigarro do sucesso  
Eu sou sucesso eu sou sucesso  
No posto Esso encho o tanque do carrinho  
Bebo em troca meu cafezinho, cortesia da matriz  
There's a tiger no chassis  
There's a tiger no chassis

Do fim de mês eu já sou freguês  
Do fim de mês eu já sou freguês  
Eu já paguei o meu pecado na capela  
Sob a luz de sete velas que eu comprei pro meu senhor do Bonfim, olhai por mim

'To terminando a prestação do meu buraco  
Meu lugar no cemitério pra não me preocupar  
De não mais ter onde morrer  
Ainda bem que no mês que vem  
Posso morrer, já tenho o meu tumbão, o meu tumbão

Eu consultei e acreditei no velho papo do tal psiquiatra  
Que te ensina como é que você vive alegremente  
Acomodado e conformado de pagar tudo calado

Ser bancário ou empregado sem jamais se aborrecer  
Ele só quer, só pensa em adaptar  
da profissão seu dever é adaptar  
Ele só quer, só pensa em adaptar  
da profissão seu dever é adaptar

Eu já paguei a prestação da geladeira  
Do açougue fedorento que me vende carne podre  
Que eu tenho que comer que engolir sem vomitar  
Quando às vezes desconfio se é gato, jegue ou mula  
Aquele talho de acém que eu comprei pra minha patroa  
Pra ela não, não, não me apoquentar

É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês  
É fim de mês, é fim de mês

Nessa letra, Raul trata de forma irônica a situação alienante a que são submetidas as pessoas na sociedade de consumo capitalista, na qual tudo é homogeneizado e serializado, convertido em valor de troca, perdendo-se a capacidade de singularização. O eu-lírico procura várias formas de se realizar, mas não consegue achar, nem criar nenhum caminho fértil. Acaba parando no psiquiatra, que tenta o adaptar a essa realidade social alienada, como se o problema estivesse no indivíduo, e não na máquina social. Através dessa situação caricatural, Raul expõe ironicamente seu posicionamento político, que concebe a psiquiatria como uma das engrenagens do sistema, e faz coro com o discurso da antipsiquiatria.

Já a Psiquiatria Democrática Italiana possui muitos pontos em comum com a antipsiquiatria, porém diverge em algumas questões. Foi um movimento, liderado por Franco Basaglia, que logrou conquistar, entre outras coisas, o encerramento dos hospitais psiquiátricos na Itália, no final da década de 70, e substituí-los por uma rede de assistência descentralizada no território, através da lei 180 – Lei Basaglia. Foi paradigma de reforma psiquiátrica no mundo inteiro, tornando-se, inclusive, referência de saúde mental da OMS (Organização Mundial da Saúde). Apesar de a aprovação da lei ter sido uma vitória, o movimento tinha objetivos mais amplos, visando a mudança na forma da sociedade lidar com a loucura. Basaglia chegou a dizer que a maior conquista do movimento foram as transformações na história de vida de cada um.

Amarante (1994) pontua algumas premissas da práxis de Basaglia e seus companheiros: A desinstitucionalização, ou seja, a desconstrução não só do manicômio, mas

do aparato manicomial - os dispositivos científicos, legislativos, administrativos, de códigos de referência cultural e de relações de poder que instituíram a ``doença mental'' e o paradigma psiquiátrico, assim como os estigmas de periculosidade e irrecuperabilidade associados aos internos; a luta contra a tecnificação, a preocupação com a renovada medicalização do sofrimento psíquico, encobrendo as contradições sociais que o produziram; o estabelecimento de relações de contrato social com os usuários, evitando relações tutelares verticalizadas; a consciência das transformações surge da luta política e social práticas.

Outro ponto importante do projeto de Basaglia, segundo Parmegiani e Zanetti (2007; apud SERAPIONI, 2019), foi a crítica e luta contra aquilo que denominou de dupla psiquiatria: o proletariado e subproletariado era internado em manicômios, em condições degradantes, enquanto as pessoas abastadas eram tratadas em casa ou em clínicas particulares. O resultado disso se mostrava no efeito do tratamento. Os pobres, que eram internados, adquiriam uma carreira moral, pela segregação e institucionalização, e só pioravam; já os ricos, tratados em condições dignas, convalesciam e retornavam às atividades cotidianas, comprovando que todos poderiam ser reintegrados ao convívio social, se não fossem submetidos às condições de opressão das instituições totais.

Contudo, constatando que a institucionalização asilar degrada os internos, Basaglia falará, também, de uma institucionalização do mundo externo, como probabilidade do que leva as pessoas ao sofrimento psíquico e ao internamento, ``como consequência da rotulação social que é fortemente autorizada pelo saber psiquiátrico'' (AMARANTE, 1994, p.70).

Nesse sentido, Rotelli, discípulo de Basaglia, afirma que o movimento investe na proposta terapêutica de desinstitucionalização de formas gerais da vida cotidiana, tanto intramuros, quanto extramuros, possibilitando que as pessoas se tornem ``atores sociais, para impedir-lhes o sufocamento sob o papel, o comportamento, a identidade estereotipada e introjetada que é a máscara que se sobrepõe à dos doentes.'' (ROTELLI, 2001, p.94). A visão de Raul Seixas era consonante com a perspectiva da Psiquiatria Democrática Italiana, buscando levar, ao grande público, uma mensagem de fuga e resistência aos estereótipos onde tentam nos fixar. É o que podemos ver na letra da música ``Sapato 36'':

Eu calço é 37  
Meu pai me dá 36  
Dói, mas no dia seguinte  
Aperto meu pé outra vez  
Eu aperto meu pé outra vez

Pai, eu já tô crescidinho  
Pague pra ver, que eu aposto  
Vou escolher meu sapato  
E andar do jeito que eu gosto  
E andar do jeito que eu gosto

Por que cargas d'águas você acha que tem o direito?  
De afogar tudo aquilo que eu sinto em meu peito  
Você só vai ter o respeito que quer na realidade  
No dia em que você souber respeitar a minha vontade

Meu pai, meu pai

Pai, já tô indo-me embora  
Quero partir sem brigar  
Pois eu já escolhi meu sapato  
Que não vai mais me apertar  
Que não vai mais me apertar

Por que cargas d'águas você acha que tem o direito?  
De afogar tudo aquilo que eu sinto em meu peito  
Você só vai ter o respeito que quer na realidade  
No dia em que você souber respeitar a minha vontade

Meu pai, meu pai

Pai, já tô indo-me embora  
Eu quero partir sem brigar  
Já escolhi meu sapato  
Que não vai mais me apertar  
Que não vai mais me apertar  
Que não vai mais me apertar

Nessa música, o eu-lírico diz que o seu pai tenta o enquadrar em um papel que ele não se encaixa. Usa a metáfora do sapato, em que seu pai o dá para vestir sapato de número 36, apesar dele calçar 37. Está falando da violência institucional familiar, na qual algumas pessoas têm que se subordinar e assumir determinados comportamentos, por uma questão de dependência, educação e tutela. Isso gera sofrimento, propício ao "adoecimento mental". No entanto, o filho resiste. O eu-lírico diz simbolicamente que já escolheu seu sapato que não vai mais apertá-lo. Foi desinstitucionalizada uma situação, onde o oprimido tornou-se ator social de uma mudança e desfez sua passividade, conforme as propostas terapêuticas do grupo da Psiquiatria Democrática.

Em 1978, ocorre eventos de saúde mental, no Brasil, com a participação de eminentes nomes internacionais que estavam no campo da crítica das práticas tradicionais da psiquiatria e da manicomialização (DEVERA; COSTA-ROSA, 2007). Entre tais nomes estavam, entre outros, o de Guattari, Goffman, Castel e o de Franco Basaglia. A ocorrência de tais eventos tem relação com o movimento de forças de resistência à ditadura militar brasileira, que

lutavam pela anistia e pela redemocratização. Basaglia fez conferências no período, no Brasil, contando sobre a experiência de desinstitucionalização na Itália, teceu críticas ao saber hegemônico psiquiátrico, criticou o modelo hospitalocêntrico, visitou manicômios brasileiros e deu entrevistas à Imprensa denunciando a violência nos manicômios do Brasil. Tais fatos tiveram grande repercussão e influência na opinião pública brasileira.

É a partir desse momento que o MTSM (Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental) vai assumir a vanguarda da luta pela Reforma Psiquiátrica brasileira (DEVERA; COSTA-ROSA, 2007), inspirada na Reforma Psiquiátrica italiana, em um movimento confluyente com o de Reforma Sanitária no Brasil, que resultará na criação do SUS (Sistema Único de Saúde); apesar dos significantes ``reforma psiquiátrica`` e ``reforma sanitária`` ainda não serem usados desta forma. Há que se distinguir que a luta pela Reforma Psiquiátrica vai ser um processo mais amplo e complexo que o de Reforma Sanitária, conseguindo aglutinar vários setores e movimentos populares que a R.S. não conseguiu, além de ter um objetivo maior e qualitativamente diferente do que o de apenas aperfeiçoamento e democratização dos serviços, intencionando mudar a forma da sociedade entender e lidar com a loucura (AMARANTE; NUNES, 2018).

A Reforma Psiquiátrica brasileira vem sendo um movimento de lutas constantes e conquistas paulatinas, com períodos de ascensão e de refluxo. Com a premissa de autonomia dos municípios, conquista do SUS, para implementação de políticas de saúde, muitas cidades extinguiram os hospitais psiquiátricos e os substituíram por serviços alternativos descentralizados, como foi o caso pioneiro de Santos. Outras conquistas foram: a redução de leitos psiquiátricos, que chegavam a 80 mil na década de 70, passando para 25.988 em 2014; o aumento com gastos em serviços substitutivos de atenção psicossocial, que passaram de 24,76% para 79,39%, entre 2002 e 2013; criação de 610 Serviços Residenciais Terapêuticos, até 2014, com residência para egressos de instituições psiquiátricas; criação de 1008 iniciativas de geração de renda, até 2014 (AMARANTE; NUNES, 2018).

No entanto, o principal objetivo da Reforma Psiquiátrica brasileira, a saber, a transformação do imaginário social sobre a loucura, é muito difícil mensurar. Não obstante, podemos perceber certas mudanças, como a inclusão de artistas e grupos de usuários de serviços de saúde mental em circuitos de reconhecimento e divulgação em grandes meios de comunicação, assim como a forma mais inclusiva que a loucura vem sendo tratada por produções culturais as mais diversas. A cultura, além de um fim, se torna um meio de ação da luta antimanicomial.

Essas produções artísticas vão além da sua vinculação a uma função terapêutica, muito frequente no campo da saúde mental. Elas mobilizam actantes para transformações sociais em novas configurações de subjetividade, que deslocam o centro das suas práticas da ênfase na saúde mental para a mobilização da cultura e das práticas artísticas, simultaneamente, como meio de criação de agenciamentos de subjetivação e como modo de afirmação de direitos e do princípio, central na proposta basagliana, da liberdade dos sujeitos. (SIQUEIRA-SILVA et al., 2012, p. 107)

Durante esse processo de construção da reforma psiquiátrica brasileira, Raul Seixas se tornou uma ferramenta e arma de combate do movimento de luta antimanicomial, um símbolo também, pelo fato de através de suas canções disseminar para o grande público os propósitos mais caros da luta antimanicomial, ou seja, a mudança na forma de se compreender e lidar com a loucura, a apologia à liberdade, a crítica às institucionalizações que produzem sofrimento psíquico. Mesmo não estando ligado diretamente ao movimento, Raul e suas ideias foram acolhidos pelo mesmo. Vários espaços e atividades de cuidado e militância se utilizam de suas músicas, seu nome e sua imagem, como referência de um paradigma emancipatório relacionado à loucura.

Severo (2005) nos conta que durante a implementação da reforma psiquiátrica no município de Viamão/RS, uma data importante era o 18 de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Nesse dia, sempre ocorriam atividades políticas e festivas para promover a desestigmatização sobre a loucura e criar um espaço de convivência entre usuários, trabalhadores e familiares. Nesses eventos, ocorreram atividades musicais durante seis anos consecutivos (1999-2004), nas quais a principal música cantada foi “Maluco Beleza”, de Raul Seixas.

Outro exemplo que pode ser citado, entre milhares, foi a realização de oficinas de música em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) de Goiás (RESENDE et al, 2015). Essas oficinas foram chamadas de “Gambiarra Musical” e intencionavam a ressocialização e valorização da autoestima de usuários do serviço, por meio da prática do canto e discussão da letra de algumas músicas. Durante a discussão, após ser tocada a música “Maluco Beleza”, uma usuária comentou que não gostava dessa música, porque na casa dela chamavam-na de louca. A partir disso, uma coordenadora interferiu e a discussão girou em torno da positividade da diferença, que torna o viver singular. Então outra usuária disse que tinha orgulho de ser uma Maluco Beleza e que continuaria sendo, porque, assim, era feliz.

Lins (2018) narra uma história que se passou numa colônia de férias, no início da década de 90, com usuários de uma clínica terapêutica. Um dos usuários não se sentia confortável e ficava no portão, com uma mala, como que esperando que alguém o viesse

buscar. Debalde tentavam mudá-lo de ideia. Então, um técnico se valeu da música ``O trem das sete'', de Raul Seixas, dizendo que o trem viria buscar o usuário, depois que surgisse por detrás da montanha que havia próximo à casa. Esse fato mudou o comportamento do rapaz e, a partir disso, todos passaram a produzir uma peça teatral, na qual o cenário era uma estação de trem. Chegaram, até mesmo, a montar um trem fictício.

A rádio Maluco Beleza, de Campinas, veiculada ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, é um projeto que busca dar voz e promover a reinserção social de pessoas em sofrimento psíquico e usuários do serviço de saúde mental. Ela existe desde 2010 e, durante a pandemia, os usuários deixaram de frequentá-la. Porém, para amenizar os efeitos nocivos para a saúde mental, causado pelo distanciamento social, decidiram criar o projeto ``Quem canta seus males espanta''. No projeto, os usuários cantaram e gravaram, via internet, a música ``Maluco Beleza'', de Raul Seixas, divulgando o resultado nos canais do serviço. Barbosa e Biondi (2020), responsáveis pelo marketing do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, dizem que ``a escolha da música foi algo natural, pois ela deu nome à rádio e tem uma relação afetiva com os participantes''.

Frequentando espaços de cuidado e militância em saúde mental, podemos observar a utilização de várias músicas de Raul. Dentre elas, podemos citar ``Metamorfose ambulante'', ``Tente outra vez'', ``É fim de mês'', ``Trem das sete'', ``Sociedade alternativa'', entre outras. Mas, sem dúvida, a mais tocada e amada, símbolo da luta antimanicomial, é a música ``Maluco beleza''.

Nela, Raul critica quem se esforça para fazer tudo igual, enquanto ele aprende a ser maluco total. Rotelli (2001, pp. 91-92) diz que ``a loucura é frequentemente a forma mais caricatural de nosso ser replicante, essa caricatura é a caricatura de uma repetição; outras vezes, término da repetição, total exaustão de qualquer possibilidade de repetição''. Assim, Raul incita a criação de um modo de vida alternativo, a sociedade alternativa, a loucura, para escapar da repetição do nosso cotidiano capitalista serializado por valores de troca. Raul evoca o ressurgimento da experiência trágica, em que razão e desrazão convivem juntas, misturando sua maluquez com sua lucidez. Fechamos, deste modo, este trabalho... com a letra do hino da luta antimanicomial, ``Maluco Beleza'':

Enquanto você se esforça pra ser  
Um sujeito normal e fazer tudo igual  
Eu do meu lado aprendendo a ser louco  
Um maluco total, na loucura real

Controlando a minha maluquez  
Misturada com minha lucidez

Vou ficar  
Ficar com certeza  
Maluco beleza

Eu vou ficar  
Ficar com certeza  
Maluco beleza

Esse caminho que eu mesmo escolhi  
É tão fácil seguir, por não ter onde ir

Controlando a minha maluquez  
Misturada com minha lucidez, eu

Controlando a minha maluquez  
Misturada com minha lucidez

Vou ficar  
Ficar com certeza  
Maluco beleza

Eu vou ficar  
Ficar com certeza  
Maluco beleza

Eu vou ficar  
Ficar com certeza  
Maluco beleza, beleza

Eu vou ficar  
Vou ficar com toda certeza  
Maluco, maluco beleza, beleza



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho realizado, foi possível compreender que o exercício do cuidado e militância em saúde mental se faz através de uma matriz bem ampla, ética-estética-política, possibilitando se utilizar de uma gama variada de dispositivos de interferência.

No caso específico da pesquisa, foram analisadas as imbricações entre a saúde mental e a obra/vida do músico Raul Seixas. Como as mensagens que ele veiculou durante a vida, e se eternizaram após sua morte, serviram como material para se trabalhar o cuidado e militância em saúde mental, a partir dos novos olhares abertos pelo movimento de reforma psiquiátrica.

Foi possível perceber que do mesmo modo que as forças culturais e sociais influenciam o modo de atuação da psicologia e dos saberes psis, estes também influenciam aqueles, sendo, de fato, um movimento de retroalimentação.

Os saberes psis têm suas origens ligadas a motivações e práticas pouco louváveis, tendo sido tecnologias de controle necessárias à conformação da ordem e moral do sistema capitalista em seu processo de desenvolvimento contraditório, se valendo da segregação, exclusão, repressão, estigmatização e tentativa de cura daquilo que ameaçava os pilares de sustentação do mesmo sistema, a saber, os fenômenos ligados à loucura. Não obstante, tais tecnologias de poder, enquanto práticas políticas, sofreram uma revolução institucional, e tornaram-se um campo de disputa no qual ao mesmo tempo em que afirmam as bases sobre as quais foram criadas, negam-nas também, a partir das forças antagônicas que as compõem, no interior do tecido social. Para ser mais explícito, estamos falando do movimento de reforma psiquiátrica e luta antimanicomial, que são críticos das instituições tradicionais ligadas aos saberes psis e às forças conservadoras da sociedade vigente.

Tais movimentos têm um outro olhar e trato com o fenômeno do sofrimento psíquico, da "loucura", entendendo que ele deve ser acolhido no seio da sociedade e elaborado a partir das contradições que ela estabelece com a existência-sofrimento das singularidades. Dito de outra forma, se as instituições tradicionais dos saberes psis excluíram a loucura, para preservar as contradições do sistema, as novas instituições revolucionárias do campo psi almejam reintegrá-la ao corpo social, para superar as contradições sistêmicas e assim, também, os efeitos deletérios que causam na saúde mental.

Raul Seixas desde cedo mostrou-se um rebelde. Identificou-se com a cultura do rock e com o movimento de contracultura, que eram formas de contestação da vida tradicional padronizada burguesa. Enfrentou problemas de aceitação e cancelamento por parte da sociedade tradicionalista, mas conseguiu transmitir para muitas pessoas, através de sua arte, uma mensagem de contestação daquilo que nos é imposto e valorização da diferença e do diferente. Dentre essas diferenças, cantou a loucura, de forma bela e dignificante, o que o levou a ser apropriado pelo movimento de luta antimanicomial como o seu porta-voz, mesmo que de forma indireta, por meio de suas canções.

Deste modo, é enriquecedor estabelecer contato com Raul Seixas, sua história de vida e conteúdo artístico, para todos os interessados em construir uma trajetória de luta e cidadania em saúde mental, comprometida com os valores antimanicomiais e anticapitalistas.

## REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. **Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. S.d. pp.45-65. Rio de Janeiro: Editora NAU.
- AMARANTE, Paulo. Uma aventura no manicômio: a trajetória de Franco Basaglia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 61-77, out. 1994.
- AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A Reforma Psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciênc. Saúde coletiva** [online]. 2018, vol. 23, n. 6, pp. 2067-2074.
- BARBOSA, Carlos; BIONDI, Larissa. Distanciamento social motiva resgate de canção clássica do rock nacional pela rádio Maluco Beleza. **Cândido Ferreira**, 2020. Disponível em: [candido.org.br/portal/maluco-beleza-quem-canta-seus-males-espanta/](http://candido.org.br/portal/maluco-beleza-quem-canta-seus-males-espanta/). Acesso em: 03, maio 2021.
- BATISTA, N. da S.; RIBEIRO, M. C. O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, 2016, 336-341.
- BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. **Vivendo a Sociedade Alternativa**: Raul Seixas no panorama da Contracultura jovem. 2006. 258p. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CALOMENI, Tereza Cristina B. A ``secreta fundação`` da Psiquiatria: Considerações sobre a análise foucaultiana da História da Loucura. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22 – n. 1, p. 51-66, Jan./Abr. 2010
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra et al. **Análise de conteúdo**: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitação do método. *Inf & Soc.: Est.*, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: Capitalismo e esquizofrenia 1. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Vol. 5**: Capitalismo e esquizofrenia 2. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012

DEVERA, Disete; COSTA-ROSA, Abílio da. Marcos históricos da reforma psiquiátrica brasileira: Transformações na legislação, na ideologia e na práxis. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v.6, n.1, p. 60-79, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FRAYZE-PEREIRA, João. **O que é loucura**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.

JORGE, Cibele Simões Ferreira Kerr. Raul Seixas: um produtor barroco. **Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, São Paulo, v. 6, n. 3-4, p. 1-16, 2010.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Artes menores: criação de si e de mundos nas ações em saúde mental. **Saúde Mental e Arte – Práticas, Saberes e Debates**. São Paulo: Zagodoni. 2012, pp. 39-52.

LINS, Claudete do Amaral. **Afetos e novidades aparecidas em um percurso de teatro do oprimido na saúde mental**. 2018. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

MENEZES, José. O sujeito da loucura: O louco e o pobre na sociedade moderna. **Mente, Cérebro e Filosofia**, São Paulo, n. 6, p. 28-35.

MINAYO, MCS. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MINAYO, M.C.S. **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

QUEIROZ, Valéria Debórtoli de Carvalho. **Entre o passado e o presente: a atuação do Assistente Social no campo da saúde mental**. 2009. 163p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RESENDE, Raphael Lobo et al. A vivência de pessoas em sofrimento mental e alunos de enfermagem em oficina de música. *In: CIAIQ*, 1., 2015, Aracaju, p. 421-425.

ROTELLI, Franco. A instituição inventada. *In: ROTELLI, Franco; DE LEONARDIS, Ota; MAURI, Diana. Desinstitucionalização*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 89-99.

SERAPIONI, Mauro. Franco Basaglia: biografia de um revolucionário. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.4, p. 1169-1187, dez. 2019.

SEVERO, Silvani Botlender. Política de Saúde Mental em Viamão – RS: transdisciplinaridade e integralidade em saúde coletiva. *In: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005, Vitória/Vila Velha. II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005.*

SILVEIRA, Fernando de Almeida; SIMANKE, Richard Theisen. A Psicologia em História da Loucura de Michel Foucault. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 21 – n.1, p. 23-42, Jan./Abr. 2009.

SIQUEIRA-SILVA, Raquel; MORAES, Marcia; NUNES, João Arriscado; AMARANTE, Paulo; BARROS, Maria Helena. Reforma psiquiátrica brasileira e estética musical inclusiva. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Rio de Janeiro, v.4, n.8, p. 105-114, jun. 2012.

SOUZA, Lucas Marcelo Tomaz de. **Eu Devia Estar Contente: A Trajetória de Raul Santos Seixas**. 2011. 231p. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães; AMARANTE, Paulo. Michel Foucault e a ‘‘História da Loucura’’: 50 anos transformando a história da psiquiatria. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 41-64, 2011.

#### SITES:

[Universoderaulseixas.wordpress.com](http://Universoderaulseixas.wordpress.com)

[www.youtube.com](http://www.youtube.com) – Canal Pensando Nisso

#### DOCUMENTÁRIO:

O INÍCIO, o Fim e o Meio. Direção: Walter Carvalho. Ano: 2012